O burrinho do presépio

UFG
078669

198601 2210
2814
O burrinho do presépio

marietta telles machado

PUBLICAÇÕES DA EDITORA DA UFG (Literatura)

– Poemas dos becos de Goiás e estórias mais
Cora Coralina

– Muçurana (romance)
Mário Rizério Leite

– Vôo cego (poesia)
Darcy França Denófrio

– Teatro moderno (peças teatrais)
Miguel Jorge

– Caminhos dos gerais (contos)
Bernardo Élis

– Versos di-versos (poesia)
Getúlio Vaz

078669

O burrinho
do presépio

O burrinho do presépio

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitora
Maria do Rosário Cassimiro

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Janaína Passos Amado Baptista de Figueiredo

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Conselho Editorial

Ciências Biológicas: Celmo Celeno Porto, Joaquim Caetano de Almeida Netto, Josetti do Carmo Barbosa de Parada, Margarida Dobler Komma. *Ciências Exatas e Tecnologia*: Almir Joaquim de Souza, Nelson Calixto Milcken, Orlando Ferreira de Castro, Zezuca Pereira da Silva. *Ciências Humanas e Letras*: Ambrozina Amália Coragem Saad, Ângela Jungmann Gonçalves, Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles. *Artes*: Adelmo de Moura e Silva Café, Alice Godinho Batista, Maria Augusta Calado de Saloma Rodrigues.

Coordenação Geral
Marieta Cruz Dias Teixeira

Divisão Técnica
José de Paiva Pinto

Revisão Lingüística
Ângela Jungmann Gonçalves
Ecléa Campos Ferreira

Consultoria Artística
Maria Guilhermina

Endereço
Av. Universitária 1533 – Caixa Postal 131
74000 – Goiânia – Goiás – Brasil

PUBLICAÇÃO Nº 72

MARIETTA TELLES MACHADO

198601 2210
G82-93 MAC /bur
1000002814

O burrinho do presépio

G 82-93
MAC
bur
ex.2

EDITORA
GOIÂNIA
1983

Capa e ilustrações: Gomes

IBSN – 85003-27-8

U. F. GO
BIBLIOTECA CEN
Cód. 12
No. 2210/86
Valor 2-5000
Data 01-07-86
02/100
dk

FICHA CATALOGRÁFICA *

M149b

Machado, Marietta Telles
O Burrinho do presépio. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.
102 p. ilust.

1. Literatura Infantil – Brasil. I. Título.

CDU 869.0(81)(024.7)

*Catalogação na fonte pelo Bibliotecário
José Vanderlei Gouveia

Para Bernardo
e José André.

SUMÁRIO

PARTE I

Contos de Natal

O burrinho do presépio.....11
O presépio encantado.....23
A viagem de Jesus Cristo Menino.....41

PARTE II

Três outras estórias

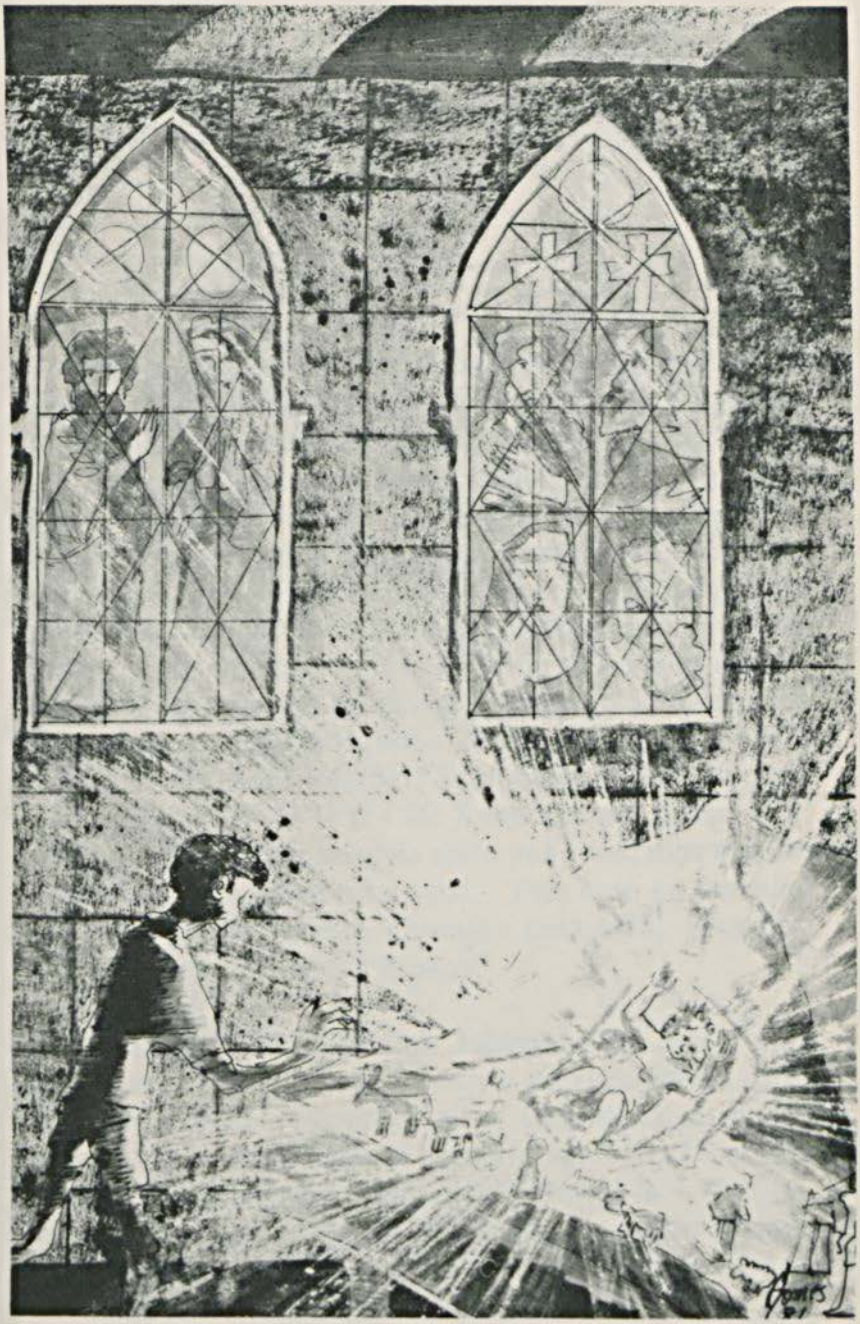
Uma tarde cheia de peripécias.....59
Viagem com Maluá.....69
Vida e morte de uma vaca malhada chamada Rolinha 83

PARTE I

CONTOS DE NATAL

078669

O BURRINHO DO PRESÉPIO



Joãozinho passava o primeiro natal na cidade grande. Tudo lhe parecia brilhante, colorido e agitado. Ele gostava dos enfeites das ruas, das lâmpadas de cores diversas, formando flores ao longo das principais avenidas, do papai noel, um gigante de papelão apontando para dentro de uma das maiores lojas. Tudo era festa. Joãozinho estava alegre e esperançoso de ganhar presentes. Era um menino, óra! Qual o menino que não sonha com o seu presente? Ele falou nisso com a mãe, que deu um espalho de deixar Joãozinho com os olhos arregalados: "Menino bobo, onde já se viu pensar em presente. Você tem pai? Sabe quantos irmãos tem? São seis, não é? Às vezes até fome a gente passa; ora, presente!". Joãozinho vivia solto nas ruas, mas era um menino brioso, como fora o pai. "Pois hoje eu trabalho dobrado, junto dinheiro e compro uma bola. Assim eu posso brincar com meus irmãos".

Era véspera de natal. Joãozinho foi beirar uma feira livre. "Aqui eu vigio carro, carrego cesta, peço trocado... Vou conseguir sim, comprarei a minha bola". Então, ali por perto parou um galaxie. "O Dudu diz que é carro de gente rica, vou correndo lá". Uma senhora jovem, loura, muito bonita e muito chique desceu.

— Quer que eu vigie, dona? perguntou o menino. Ela fez que não ouviu e saiu andando com o nariz arrebitado feito uma rainha. O menino acompanhou-a e tocou-lhe no braço, repetindo a pergunta — "Quer que eu vigie, dona?"

— Não me ponha essa mão suja e não chateie, ouviu moleque?

"Ela é tão bonita, mas parece uma bruxa ruim", pensou o menino.

Lá na outra ponta parou um volks. "Carro de gente pobre, foi o Dudu quem disse. Vou ver".

— Quer que eu vigie, dona? Joãozinho perguntou apressado, quase gritando. A mesma pergunta foi feita por outro menino que se aproximou afobado. A moça feiosa e de cara boa respondeu: "Pode sim". Entretanto o outro menino deu um empurrão em Joãozinho e gritou:

— Saia daqui, seu besta. Essa praça é minha. Vou chamar meu irmão pra te bater. Ele é homem e trabalha aqui na feira.

Joãozinho não queria briga. Deu o fora imediatamente. Saindo da feira, lá vinha uma senhora de cabelos brancos, carregando toda espigadinha uma cesta de verduras.

— Deixe que eu carregue, dona?

— Obrigada, meu filho, a cesta está leve e eu moro ali mesmo.

"Que azar. Hoje não é meu dia de sorte", pensou Joãozinho. Daí, ele saiu com um bando de me-

ninos para brincar num lote vago por perto, até a hora de a feira acabar. Seu estômago estava roendo de fome. Uma fome que lhe fazia ver estrelas. Voltar a casa para comer não adiantava. Mina, sua irmãzinha menor, estava doente e a mãe ficara dois dias sem trabalhar. Isso significava que as panelas estavam limpas, limpas de dar tristeza. Ele se aproximou da banca de seu Chicão, que era um homem muito bom. Seu Chicão já sabia. Deu-lhe uns tomates amassados para comer. Joãozinho comeu gulosamente mesmo sem lavar. A professora na escola ensinava que não se pode comer os alimentos sem os lavar e muito bem. Eles estão cheios de micróbios que dão vermes e muitas outras doenças. Contudo, Joãozinho não sabia de torneira ali por perto e a fome não espera.

O menino ainda fez algumas tentativas de vigiar carros, de carregar cestas, de pedir algum dinheiro, mas ninguém dava nada. Ou anda todo mundo sem trocado ou os corações das pessoas viraram pedra. O pouco dinheiro que conseguiu mal dava para pagar o ônibus de volta e comprar um pãozinho fresco para levar para Mina.

Entretanto, Joãozinho não voltou para casa. Sua mãe estaria preocupada? Ah, já se cansou de preocupar inutilmente. São seis e moram num barraco de invasão, parecendo bichos.

A fome veio de novo. Essa fome parece uma bruxa ruim, não dá sossego, pensou. Ele foi a um boteco, comprou um pastel e comeu vorazmente. "O cobrador me deixa passar por baixo da roleta e o pãozinho pra Mina eu levo outro dia", disse consigo.

Joãozinho correu pelas praças, cochilou nos bancos do calçadão, catou migalhas nas portas dos restaurantes, pediu cigarros em mesas de bares, olhou guloso e febril os pratos de tira-gosto.

Enfim, a noite caiu. Já era noite, noite de natal, a noite encantada. Joãozinho não comprou, nem comprará brinquedo algum, não ganhou, nem ganhará nenhum presente. O Dudu disse que uma tal de Secretaria de, ah, não sabia o nome, iria distribuir presentes para crianças pobres. Inventam tantas coisas! Ele andara o dia todo e não vira distribuição de presentes em lugar algum. Dudu disse que papai noel não existe, é tudo mentira. Só existem esses de propaganda, mandando a gente comprar aqui ou acolá. "Mas eu acredito, ele existe sim. Ele vem lá do céu num carro que voa. Ele vem lá da casa do Menino Jesus. De certo, ele ainda não teve tempo de passar por aqui".

Joãozinho perambulava, perambulava. Já se cansara de olhar vitrines, de ser expulso das lojas, de esperar pelo papai noel. "Ah, agora me lembrei, o Dudu disse que tem um presépio lindo lá na Catedral. Além do Menino Jesus num bercinho de palha, tem bichinhos, tem anjos, estrelas, montanhas", pensou o menino. A Catedral não está muito longe. As pernas de Joãozinho, fracas e finas, já estão acostumadas, parecem mais perninhas de ferro, o tempo todo, o ano todo, de natal a natal, ele caminha por todos os caminhos da cidade.

Joãozinho entrou na Catedral. Nas outras noites, hora dessas, ele já estaria dormindo nalgum banco, nalgum alpendre, debaixo de alguma marquise. Hoje ele estava duro, comera uns tomates meio podres,

um pastel, um pedaço de pão seco dado pelo Dudu e uma ponta de rapadura ganha na feira. A Catedral brilhava muito e tinha um cheiro especial de rosas, velas e incenso. Os bancos estavam cheios de uma gente muito bem vestida e uma música bonita enchia os ares. Joãozinho piscava muito, meio atordoado com as luzes e os sons. Certamente papai noel chegaria naquela festa da Catedral. Depois que se acostumou com o ambiente, deu-lhe pressa de ir ver o presépio. Seus olhinhos se arregalaram de encantamento. O Menino Deus gorduchinho, cor de rosa, com os bracinhos abertos, estava deitado num berço forrado de capim. Parecia tão espertinho! Bem diferente da Mina, quando ela nasceu. Mina parecia uma bonequinha feia e enrugada. Depois é que foi ficando bonitinha. Menino Jesus é bem bonito, tenho vontade de brincar com ele. Olhe ali aquele homem vestido com uma roupa de pele, perto de uma porção de carneiros. Ah, é o pastor. Foi o Dudu que me ensinou, o homem que toma conta de carneiros é um pastor. Olhe o anjo, eu queria ser um anjo só para voar. Se eu voasse, não precisava andar de ônibus, ouvindo o cobrador me xingar ou me pondo para fora. Nem precisava andar tanto. Os meus pés estão doendo muito hoje. Olhe o boi. De certo ele é bem mansinho. O burrinho, gente, o burrinho! Os olhos de Joãozinho arregalaram de alegria. Eu queria tanto um burrinho como esse! Lembro-me do Pica-pau lá na fazenda de seu Antero, onde meu pai trabalhava. Meu pai sempre me carregava na garupa. Pica-pau era manso, manso. Ah, Menino Jesus, me dá esse burrinho?

Daquele momento em diante, o burrinho não saiu mais da idéia do Joãozinho. "Veja como ele é lindo, olhe a carinha dele, parece que quer conversar com a gente. A professora contou uma história e ela dizia

que antigamente os bichos falavam. Acho que eu posso conversar com o burrinho. Menino Jesus, deixa eu levar o burrinho?"

A missa terminou. As pessoas foram saindo sem pressa. Joãozinho ficou ali quieto, meio escondido. Tinha uma idéia na cabeça. As luzes começaram a se apagar. Só as da entrada da igreja agora estavam acesas. O menino se agachou bem pertinho do presépio. "Todo mundo vai sair. Menino Jesus ficou calado, mas eu vou pegar o burrinho. Tem tanto bichinho no presépio, que o padre nem vai dar falta".

De repente, todas as luzes se apagaram. Dentro de um silêncio completo, só se ouviam os passos do sacristão e o barulho da porta principal se fechando. Naquela escuridão, o menino via apenas a lâmpada vermelha do Sacrário. Quando Joãozinho deu acordo de si, quase morreu de medo. Esbarrando nos bancos, correu para a porta principal. Começou a esmurrá-la, desorientado. Queria gritar, gritar bem alto, mas a Catedral era grande, ninguém iria escutá-lo. E se o descobrissem, que desculpa iria dar? Então começou a soluçar e seu corpinho magro tremia com os soluços. Em pouco tempo, ele dominou o medo e seus olhos foram aos poucos acostumando-se à escuridão, Joãozinho começou a espiar para todos os lados. Toda igreja tem morcego, disse o Dudu. Virgem Santa, se aparecesse um morcego, ele iria berrar de medo. E fantasmas? Lá em Santo Antônio o povo contava que as almas dos padres faziam procissão depois da meia noite. É tudo mentira, ele tinha certeza. O relógio da torre bateu duas horas. Joãozinho deu um pulo de terror. Correu para o presépio. Ao menos ali ficava perto do Menino Jesus. Certamente ele gosta de crianças e o iria prote-

ger. Seus olhos de novo caíram no burrinho. E o encantamento acabou com todo o medo. "Eu posso brincar um pouquinho com ele, Menino Jesus?" perguntou. Parece que Jesus sorriu e balançou a cabecinha. Joãozinho arrastou a banqueta do órgão, colocou-a junto ao presépio e com a mão tremendo de ansiedade retirou o burrinho. Lindo, lindo. Suas patas brancas pareciam botinhas. Tinha uma mancha branca na testa e no peito. O resto era marron. Levou-o para o pé da coluna. Examinou-lhe as patas brancas, as orelhas empinadas, a carinha amiga. Fê-lo trotar por estradas imaginárias e pediu-lhe que o levasse até junto do papai noel. Ele queria também uma bola, não ia desistir da bola assim fácil. Depois de muito conversar com o burrinho, adormeceu ao pé da coluna. Sonhou que seu burrinho era o Platero, aquele burrinho da história que a professora contara na escola. Ele passeava com Platero num campo verde, quando começaram a cair rosas do céu. Rosas azuis, vermelhas, brancas, cor de coral. Os olhos de Platero, eram também duas rosas. Depois começou a cair brinquedos. Bolas douradas de todo tamanho, automóveis que acendiam os faróis, bonecas que falavam e que riam. Menino Jesus dava pirueta no meio de tantas rosas e brinquedos e papai noel abarrotava o saco de coisas para levar para as crianças da terra. Platero segurava na boca uma cesta com um pão fresquinho e macio — "É para você levar para Mina!"

O interior da Catedral já estava quase claro. Os raios do sol filtravam-se pelos vitrais, inundando a Catedral de cores suaves. O primeiro toque dos sinos despertou Joãozinho. Ele deu um pulo de susto, esfregando os olhos e seu pequeno coração pulou com força no frágil peito. O ruído da porta principal, sendo aberta

pelo sacristão, assustou-o mais ainda. Joãozinho apanhou o burrinho e pareceu-lhe ouvir uma voz "leve-me, leve-me para o presépio, lá é meu lugar". Joãozinho correu para o presépio, colocou o burrinho no mesmo lugar, lá na areia estava a marca dos seus pezinhos. Ele saiu, escondendo-se atrás das colunas para que o sacristão não o visse. Lá fora, a manhã era dourada e os pardais faziam festa nas árvores da praça. Joãozinho correu para sua casa. Suas mãos estavam vazias e sua cabecinha cheia de sonhos.

O PRESÉPIO ENCANTADO

078669

Era uma vez uma mãe e cinco filhos. Moravam num barraco pequeno, pobre e feio. As paredes e o teto eram feitos de papelão, pedaço de táboa, lata. Na época do frio, o frio entrava, deixando os moradores tiritantes. Na época das chuvas, eram os ventos, a umidade, as goteiras. Na época do calor, nuvens de pernilongo vinham do poluído córrego vizinho e infestavam o barraco, chumbando o rosto das crianças de pintinhas vermelhas. Com os outros barracos, o barraco de Donana formava ruas tortas, esburaquentas, sem luz, sem água, sem esgoto. O bairro era longe, longe mesmo. Nem nome tinha. No entanto, Donana era boa, paciente e até alegre. Um milagre, não é? Ela educava bem os filhos, ensinava-os a trabalhar, dava carinho, não permitia que eles virassem os pobres pivetes, que só fazem o mal aos outros e a si próprios. Donana trabalhava noite e dia, ora lavando roupa, ora passando, ora fazendo limpeza na casa das pessoas. O marido de Donana partira há muito tempo. Fora trabalhar numa companhia elétrica, no norte do país, em busca de melhor salário, de um futuro para a família. No princípio, as cartas chegavam, dando notícias. Com o tempo, foram rareando. Por fim, não mais vieram e ele nunca mais voltou. Contudo, Donana não deixava os filhos passarem fome. Era uma mulher valente. Sa-

bia manter a disciplina em casa, com amor e paciência. Faltava muita coisa, é verdade. O leite e o pão, por exemplo, só de vez em quando. Não havia aquela fartura que ela conhecera quando moça, na roça. Faltava roupa decente para os meninos, faltava remédio, às vezes, e calçado, só quando ganhava. Donana tinha fé em Deus e era bondosa com os filhos, eles não tinham culpa de nada. Os nomes deles eram: Divino, Ronivon, Tereza, Tiana e Juquinha. O mais velho, o Divino, tinha doze anos. Juquinha, o caçula, tinha cinco anos. O pai nem o conhecia, pois partira antes que ele nascesse.

Chegara o tempo de natal. A cidade inteira comentava que a prefeitura mandara armar um lindo presépio na praça, com os santos do tamanho de gente. Essas figuras tinham vindo do estrangeiro, eram lindas e perfeitas. Dois guardas vigiavam o presépio noite e dia. Existe uma terra distante, de gente educada e civilizada, onde as pessoas zelam com amor pelas coisas públicas. Coisas públicas, sabem o que são? As coisas públicas são um bem coletivo, isto é, um bem que não é seu, nem meu, mas de todos nós. Quem depreda uma árvore, quebra um banco de jardim, estraga as figuras de um presépio na praça está destruindo um bem de todos. Nessa terra distante, as pessoas não jogam lixo nas ruas, não apanham flores dos jardins públicos, não quebram as placas e lâmpadas. Um presépio bonito como esse, não precisa de guardas. O próprio povo é que iria cuidar dele.

Desde que o presépio ficara exposto na praça, os filhos de Donana insistiam para ir ver a maravilha. Sentiam-se humilhados. Os meninos da vizinhança já tinham ido e voltavam contando mil vantagens: o boi é assim, o burro é assado; o menino é vestido desse jeito;

São José é barbudo, Nossa Senhora tem um manto azul. Tem um bicho chamado camelo. Tem três reis que levaram presentes para o Menino Jesus. Tem um anjo e um galo no alto do rancho. O presépio era assim e muito mais bonito do que se pensa.

O trabalho dobrara no mês de dezembro. Donana trabalhara como moura, tentando dar um natal decente para os filhos. Contudo, Tiana adoecera com uma gripe "braba" e todo o dinheiro ajuntado fora-se em remédios. Chegou o dia vinte e quatro de dezembro. A missa do galo era às vinte e duas horas. Donana foi assisti-la, com os filhos. Na volta ao barraco, comeram uns biscoitos com chá mal adoçado e foram dormir. Mais nada. Nem um presente, nem uma roupinha melhor, nem um passeio à praça para satisfazer o sonho dos filhos: ver o presépio! Donana deitou os meninos, acomodou-se na cama, apagou a lamparina e chorou de tristeza. A vida não mudava e cada natal era mais triste, pior.

Divino, o mais velho dos irmãos, não conseguia dormir. Ninguém pegava no sono: nem Ronivon, nem Tereza, nem Tiana. Só o Juquinha, inocente, só ele dormia. Os demais estavam na expectativa. Não se cansavam de esperar. Não desistiam de seu sonho: Papai Noel passando com um saco cheio de presentes, dando-lhes bolas, caminhões, roupas, guaraná, maçã, bombons. E o presépio da praça? Ah, nem esse tinham ido ver. Nem esse! Os olhos de Divino grudavam-se na fresta da parede. A noite estava escura e silenciosa. O menino assustou-se. De repente, o terreiro ficara claro como dia. Uma luz branca, brilhante, envolvia o barraco e os arredores. Ele pulou da cama, chegou o rosto bem perto da fresta. Sua face abriu-se num encanta-

mento. Correu para a cama do irmão, sacudiu-o e falou baixinho: "Ronivon, olhe!" O irmão arregalou os olhos, sem entender. Divino pôs o indicador nos lábios, pedindo silêncio e repetiu: "Olhe!" O irmão levantou-se rápido e viu pela fresta. "Que beleza!", disse. "Chame as meninas!" Devagarinho saíram para o terreiro. Contemplaram maravilhados um fenômeno nunca antes visto: acima do barraco, pairava uma estrela grande, de longa cauda. A estrela começou a mover-se. Os meninos foram atrás dela, magnetizados. Divino lembrou-se do Juquinha, o único que ficara dormindo. A estrela adivinhou seus pensamentos. Parou um instante. O menino não vacilou. Correu a buscar o irmãozinho. Juquinha abriu os olhos carregados de sono e sorriu para a estrela. Era um verdadeiro anjinho loiro assim iluminado por aquela luz tão clara. Mais uma dúvida abriu-se no coração do filho mais velho de Donana: "E mamãe, ficará sozinha?" Uma voz soprou dentro da alma do bom filho: "Não se preocupe, eu cuidarei dela!"

Os meninos marcharam atrás da estrela. Tinham asas nos pés. O Juquinha parecia um coelhinho esperto correndo. Buraco de rua, lama, latido de cachorro, morro, pinguela, nada os estorvava ou retardava seus passos. Tinham pressa. A noite é curta. A noite santa é uma só. A cidade dormia, após as festas na igreja e nas famílias. Raras casas conservavam as luzes acesas, raros carros passavam nas ruas vazias. Ninguém notou cinco meninos voando atrás da estrela guia.

Finalmente chegaram à praça. A estrela deteve-se acima do presépio. Os dois guardas, assentados nos banquinhos de cada lado do presépio, sonolentos e cansados da vigília, não deram pela chegada da estrela

078669

com os meninos. Divino e seus irmãos, ofegantes com a longa caminhada, pararam um momento, deslumbrados, diante do presépio. Seus coraçõezinhos, de tanta alegria, batiam acelerados. Sentiram-se embaraçados sem saber se tocavam nas figuras, se diziam alguma coisa naquela hora silenciosa. Eis que o Menino Jesus, com sua carinha gorducha e rosada, sorri para Ronivon. Em seguida, seu olhar travesso pousou no rosto de cada uma das crianças. Jesus assentou-se no seu bercinho forrado de palha e estendeu a mão ao mais velho dos irmãos:

— Divino, ajude-me a sair daqui. Estou cansado de ficar nesta cama de palha. Prefiro o meu bercinho de nuvens, lá no céu.

Divino ficou um instante petrificado. Queria estender a mão e seu braço não se movia.

— Depressa, amigo. Quero levantar-me pra gente brincar um pouco!

Então, ficaram todos encantados e puseram-se muito à vontade. O Juquinha, equilibrando-se na ponta dos pés, disse:

— Deixa que eu te ajudo.

Com incrível agilidade, o Menino Deus saltou para o chão. Ele vestia uma túnica azul bordada com fios de ouro e calcinhas compridas de cetim branco, com as barras debruadas de arminho. As botinhas eram de pelica branca. Tereza e Tiana ficaram encantadas. Nunca viram roupas tão lindas. Olharam para suas próprias vestimentas e a de seus irmãos. Tereza sentiu um pouco de vergonha. Seu vestidinho era tão desco-

UFG B.C. 2210/86

rado, que não se sabia mais sua antiga cor. Além disso, estava apertado e remendado. Um pó vermelho cobria-lhe os pés e as sandálias tinham a cor da lama. E o Juquinha, que nem tinha sapatos! Jesus voltou-se para os dois guardas, deu um soprinho para o lado de cada um deles. Eles levantaram-se depressa, ficaram em posição de sentido e viraram estátuas. "Isso é para eles não perturbarem a gente", explicou o Menino Deus. Em seguida disse:

— Companheiros, vou acordar meu pai e minha mãe.

"Ih, pensou Tereza, que vivia a matutar sobre as coisas, vou ficar com mais vergonha ainda de Nossa Senhora. Ela parece uma rainha. Como é linda com seu manto azul e sua coroa de estrelas. Minha mãe gosta muito dela. Reza muito pra ela na capelinha do bairro. O que eu vou fazer, se Nossa Senhora conversar comigo? Sim, vou morrer de vergonha!"

— Não precisa ter vergonha dela não, Tereza. Ela não é rainha, nem nada. É simplesmente minha mãe.

Tereza levou um susto. "Esse menino adivinha o que a gente pensa. Por isso é que chama Menino Deus. Certamente é por isso", pensou ela. Jesus entrou no rancho. Tocou no manto azul de Nossa Senhora e falou com suavidade: "Mãe!" Ela abriu os olhos e sorriu. "Que queres, meu filho?" "Um momentinho, respondeu ele. "Vou chamar o papai". Tocou no braço de São José. Ele abriu os olhos, olhou o filho com um olhar terno e bom, perguntando: "O que é, meu filho?" Segurou o cajado e andou vagaroso.

— Venham cá, quero apresentar-lhes meus amiguinhos. Escolhi-os para brincar comigo nesta noite.

Apresentou os meninos de um por um. Nossa Senhora passou a mão docemente sobre a cabeça de cada um deles, abençoando-os. São José, com suas longas barbas negras e seu rosto bom, sorriu para eles.

— Muito bem, sejam benvindos, falou por fim Nossa Senhora. Divirtam-se.

— Vou acordar os animais, gritou Jesus.

— Um momento, falou Nossa Senhora. Espere, meu filho. Eu tenho uma roupinha nova para cada um de seus amigos. Venha um de cada vez aqui no rancho. Primeiro as meninas. Elas obedeceram. Quando voltaram, estavam tão elegantes, que os meninos quase não as conheceram. Chegou a vez deles. Também retornaram calçados, vestidos, penteados, bonitos dos pés à cabeça. Menino Jesus batia palmas de contentamento. "Muito bem, recomendou Nossa Senhora, brinquem bastante, mas cuidado com as roupas. Hoje é uma noite de gala, a noite santa, uma festa muito especial. É quando meu filho volta ao mundo para renovar o amor nos corações dos homens".

A seguir, a mãe de Jesus chamou São José para que ele a ajudasse a preparar a ceia.

O Menino Jesus foi ao rancho despertar os animais. Deu um piparote na cabeça da vaca, do boi, do carneiro, do camelo, do burro. Subiu ao rancho para despertar o galo. São José gritou-lhe: "Cuidado, seu macaquinho, não vá cair daí!" O galo despertou espantado, sem saber o que fazer. Viu a estrela clareando o rancho. Abriu o bico num estridente "Cocoricó"! Os

outros animais chegaram a assustar-se. Jesus sacudiu uma das asas do anjo. Ele segurava uma faixa azul na qual estava escrito com letras douradas: "GLÓRIA IN EXCELSIS DEI". O anjo parecia meio desequilibrado. Dependurou a faixa no rancho, ajeitou as asas e saiu a voar, todo serelepe. Divino estava na escola e já sabia ler. Soletrou aquelas estranhas palavras, sem as entender.

— Isso aí, Divino, quer dizer: "Glória a Deus nas alturas", explicou Jesus. É uma canção que os anjos cantavam quando eu nasci. Na faixa está escrito em latim. Latim era uma língua que os romanos falavam. É uma língua morta. Não é falada mais por ninguém.

Divino ficou olhando admirado aquele Menino que sabia tanto quanto a professora de sua Escola.

Nessa altura, os animais haviam deixado o rancho. O camelo foi o último a sair. Caminhou meio agachado, pois ele era maior que o pobre ranchinho do Menino Deus. Os meninos, curiosos, rodearam-no. Nunca tinham visto um animal tão estranho! Nem de figura nos livros.

— Por que tem camelo no presépio? perguntou Ronivon.

— Eu nasci numa cidade chamada Belém, na Palestina, explicou Jesus. Lá existem extensões enormes de terras cobertas de areia, chamadas deserto. No deserto não há água, nem plantas, nem animais, a não ser em pequenas porções de terra chamadas oásis. Os homens utilizam-se do camelo para fazer grandes viagens através do deserto. No Brasil não temos desertos, nem camelos.

— Meu colega disse que já viu camelo no circo, Jesus! falou Tiana.

— É verdade. Eu me esqueci do circo. No Brasil só existe camelo nos circos e nos zoológicos.

— Por que os homens de sua terra andam de camelo?

— Eles não só andam de camelo, mas fazem transportar cargas pesadas através dos camelos, porque eles são fortes e resistentes. Suportam por vários dias o calor, o sol e a sequidão do deserto. Quem quer andar de camelo? Vocês verão o quanto é bom

— Eu quero! Eu quero! Gritaram ao mesmo tempo.

Entretanto, Nossa Senhora veio chamá-los para a ceia. Sabia que os amiguinhos de Jesus deviam estar famintos, pois nem janta eles tiveram em sua casa.

— Meninos, chamou ela, primeiro vamos cear. Depois vocês brincam.

Eles ainda permaneceram um momento em volta do camelo.

— Puxa, ele é alto! Como é que a gente faz para montar? Tem escada?

Antes de Jesus responder, Nossa Senhora tornou a chamá-los:

— Venham logo. Depois vocês continuam o brinquedo.

Haviam improvisado uma mesa com caixotes e bancos. Ela estava cheia de empadas, tortas, peru,

lombo assado, farofa de ameixa, uvas, maçãs, peras, passas, figos. Ao lado, numa mesinha, as garrafas de guaraná.

— Tem guaraná! exclamou Juquinha, que pulava de satisfação que nem um cabrito.

Os meninos comportaram-se muito bem. Serviram-se devagar, não encheram os pratos, não comeram correndo, não ficaram buscando garrafa de refrigerante toda hora. Nossa Senhora admirou-se: "Esses meninos são tão pobrezinhos, mas tão ricos de educação!"

Quando a ceia terminou, Nossa Senhora chamou o Divino de lado e disse-lhe, apontando para uma cesta cheia, coberta com um forro de linho bordado. "Essa cesta é para sua mãe. Não se esqueça de levá-la. Não está muito pesada". Divino olhou para Nossa Senhora com uma imensa ternura de filho. "Ela é tão boa quanto minha mãe!", pensou.

Os meninos voltaram para junto dos animais. São José veio ajudá-los a montar no camelo. Com seu bastão, deu uma pancadinha nas canelas dianteiras do animal. Ele dobrou as pernas e abaixou-se lentamente. Tinha uns olhos doces e calmos naquela cabeça tão pequena, para um corpanzil tão grande. Os meninos aproximaram-se, alisando-o com carinho. Ele parecia um amigão! Subiu o Juquinha na frente, o Divino no meio e o Ronivon atrás. São José guiou o animal pela praça. Ele foi num passo lento, suave e os meninos sentiram-se bem perto das estrelas!

Os outros animais, principalmente o burro, ficaram enciumados com a preferência dos meninos.

— Você viu, boi? Essas crianças tolas nem ligaram para nós. Não sei o que tem esse camelo de tão ..interessante! Só porque é um animal estrangeiro. Veja que cabecinha ridícula para um corpo tão grande e pernas tão altas! Falou o burro.

Deixe de ser invejoso, burro. O camelo é imponente, é um animal forte, corajoso, amigo do homem. Amigo e muito útil.

— Amigos somos nós, os escravos do homem.

— Não, nós não somos escravos. Apenas somos úteis aos homens.

Nisso, Nossa Senhora disse:

— Meninas, venham dar uma volta no burrinho. Vejam como ele está tristonho!

— Está vendo, burro? Você não perdeu por esperar. Duas lindas meninas vão dar uma voltinha com você. Não está orgulhoso?

— De fato, duas cargas leves e bonitas!

Assim, os meninos não se cansavam de divertir. São José, que é carpinteiro, deixou sua esposa Maria tomando conta das crianças e foi fazer uns consertos no rancho. Após um mês armado na praça, ele estava um pouco estragado pelos ventos e as chuvas do mês de dezembro. O anjo não se cansava de dar voltas no céu. Acordou os pombos que dormiam tranqüilos no campanário da matriz e pôs-se a apostar corrida com eles pelo céu. O galo, encarapitado no alto do rancho, olhava para as estrelas. Era um galo poeta. De vez em quando, soltava o seu cocoricó estridente pela praça, espantando até os monumentos.

Os patinhos do lago de espelho tinham ficado esquecidos. Jesus correu lá, acordou-os e os levou pra dar uma nadada no lago da praça, apesar do frio da noite. Mas pato é pato e não tem hora para nadar.

Jesus apostou com os meninos que dava conta de subir na palmeira imperial da praça. Subiu um bom pedaço, mas a barra de sua calcinha de cetim branco ficou presa numa felpa do tronco e lá se foi um pedaço do arminho. Ele se assustou, com medo dos pitos de sua mãe.

Nisso, São José terminou o conserto do rancho e chamou Nossa Senhora:

— Maria, é bom que você ajunte os meninos. O dia não tarda a amanhecer. É hora de eles voltarem para sua casa e nós para os nossos lugares.

Nossa Senhora foi chamá-los e no rosto de cada um deles via-se uma sombra de pesar, porque a noite encantada estava terminando. Encaminharam-se para o rancho.Ronivon era curioso e queria saber tudo o que via ou que não compreendia.

— Quem são aqueles três que você não acordou?

— Ah, aqueles três? São os Reis Magos.

— Por que você deixou eles dormindo?

— É porque eles fizeram uma longa viagem a pé para trazer-me presentes. Deviam estar cansados.

— Que bom! Vieram só para trazer presentes? Eles são amigos de seu pai, não?

— Sim, são.

— Que presentes trouxeram?

— Ouro, incenso e mirra.

078669

— Pra que serve isso? É para brincar? perguntou Tiana.

— Não, não são de brincar. Ouro é para comprar as coisas ou fazer jóias. Incenso e mirra são coisas de perfumar. Minha mãe guardou. Quando eu crescer, ela vai me entregar.

São José interrompeu a conversa dos meninos.

— Meus filhos, é hora de voltar para a casa de vocês. Os animais vão levá-los. Novamente a estrela os guiará. Depressa, o dia está quase amanhecendo. Jesus, meu filho, despeça-se de seus amiguinhos!

As crianças despediram-se. São José e Nossa Senhora os abraçaram e os beijaram carinhosamente. O anjo deu-lhes adeus, acenando lá de cima. Juquinha montou-se no carneiro; Divino no camelo; Tereza e Tiana no burro; Ronivon no boi. A estrela guia pôs-se a caminhar no céu para conduzi-los de volta. O anjo apanhou a faixa, ajeitou-a nas mãos e voltou para seu lugar. São José, Nossa Senhora e o Menino ficaram à porta do rancho esperando pela volta dos animais. Lá se foram os meninos em busca de seu barraco. A cidade ainda dormia, silenciosa. As crianças foram deixadas à porta de sua casa. A estrela guia tomou o rumo da cidade, seguida pelos animais. Os filhos de Donana entraram no barraco pé ante pé para não despertarem a mãe. À sua cabeceira, colocaram a cesta mandada por Nossa Senhora. Sonolentos e felizes eles se enfiaram na cama. Sonhariam, sem dúvida, com seu amiguinho Menino Jesus e o presépio encantado.

A VIAGEM DE JESUS CRISTO MENINO

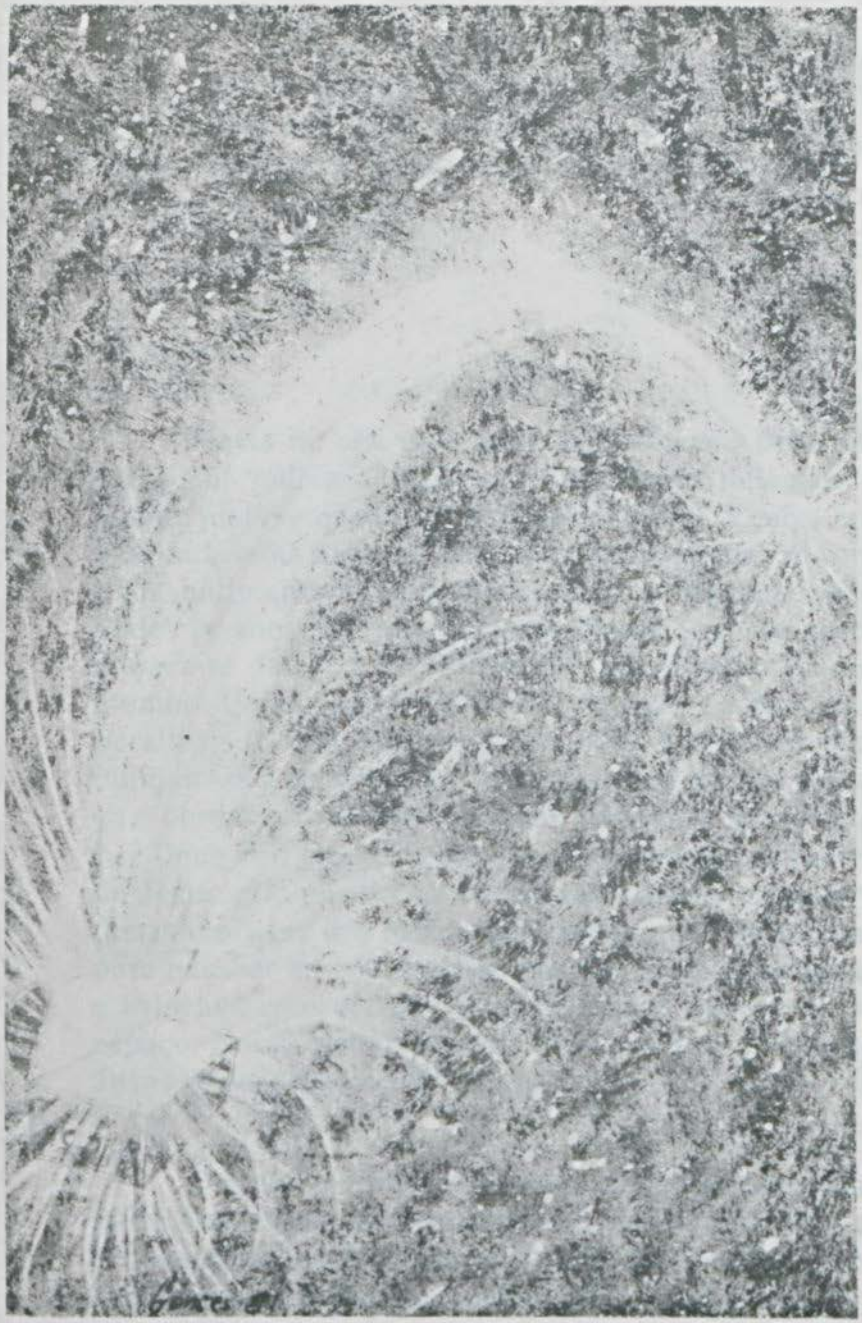
"Um dia que Deus estava a dormir.
E o Espírito Santo a voar,
Ele foi à caixa de milagres
e roubou três.

.....

Depois fugiu para o sol.
E desceu pelo primeiro raio
que apanhou".

Fernando Pessoa

078669



Havia no céu uma caixa de milagres. Dela podiam sair milhões, bilhões, trilhões de milagres, e quanto mais se tirava, mais milagre rendia. A caixa era guardada o dia todo por dois formosos arcanjos. Só com o consentimento de Deus Pai é que se podia tocar nela. Todos os anos, à época de natal, Nossa Senhora aproximava-se da caixa e retirava um: Jesus voltava a ser menino. Como todo menino, ele começava a fazer mil peraltices. Nossa Senhora e São José, pacientemente, punham-se a correr atrás dele para vigiá-lo. Ele pintava e bordava, mas todos os anjos e santos o adoravam. Até Deus Pai, que é sizudo, ria às escondidas das artes de Jesus. Ele puxava as barbas dos santos, arrancava penas das asas dos anjos, fazia barquinhos de nuvens para passear no céu, enchia uma sacola de estrelinhas e brincava com elas de fazer caminhos luminosos no espaço. Nossa Senhora corria, aflita, com medo de que Jesus se despencasse lá de cima.

Um dia, ele fugiu. Sua mãe cansou-se de procurá-lo. Acabou por descobri-lo encarapitado na lua nova, acenando, todo alegrinho. A Virgem Mãe mandou um anjo buscá-lo. Disse-lhe, então:

— Olhe, filhinho, não vá para tão longe. Os animais das constelações estão soltos por aí e são muito ferozes. O touro vive zangado, dando cabeçadas. Está sempre com os chifres cheios de fiapos de nuvens. O leão vive rugindo feroz. E o escorpião? É um malvado e pode picá-lo.

— Ora, mamãe, eu não tenho medo desses bichos! Respondeu sorrindo para Nossa Senhora, com sua cara safadinha.

Jesus prometia não fugir mais. Se ia cumprir a palavra, nem ele sabia!

Naquele natal, o Menino queria fazer uma coisa diferente. Ah! ele tinha um sonho e nunca o conseguira realizar! Que sonho era esse? Passear um dia inteirinho na terra para brincar com os meninos de lá. Da primeira vez que ele pediu, Nossa Senhora disse:

— Nem pense nisso, meu filho. A vida na terra anda muito difícil. Há perigos por todos os lados. Nós precisamos é de mandar muitos milagres para salvar o mundo.

— Salvar o mundo de quê, mamãe? Lá tem touros e escorpiões?

— Tem coisas piores, meu filho. Tem, por exemplo, milhões de crianças abandonadas.

— Crianças abandonadas? Tornou o Menino sem entender.

— Sim, crianças que vivem jogadas nas ruas, sem lar, sem comida, sem roupa, sem escola.

Jesus ficou muito encabulado. Embora curioso, não fez mais pergunta alguma à mãe nesse dia. Entretanto, não desistiu de seu passeio à terra.

Ao chegar o natal, não pensava em outra coisa. "Como é meu aniversário, eu vou fazer só uma pequena teima. Uma teiminha é pecado nada! Darei um jeito de ir à terra". A idéia ficou firme em sua loira cabecinha e, no dia vinte e quatro de dezembro, pôs-se a executar os seus planos.

Logo de manhã, ficou brincando ali por perto da caixa de milagres. Ao notar que os arcanjos estavam distraídos, ele abriu a caixa bem depressa e roubou três milagres: um para que pudesse descer à terra; o segundo para que pudesse dar quantos presentes quisesse aos amiguinhos que encontrasse; o terceiro, para que pudesse voltar ao céu. Guardou os milagres bem depressa em sua sacolinha de couro e acabou de enchê-la com as estrelinhas que amontoara para brincar. Dali, rapidinho, rapidinho, sem que ninguém notasse, ele fugiu para o sol, encarapitou-se no primeiro raio que encontrou e foi descendo, descendo, descendo. Chegou de tardezinha, porque a viagem era longa.

Menino Jesus ficou encantado com o pôr-de-sol, o horizonte todo colorido e vermelho forte e dourado. No céu, era tudo suave, suave. Lá as cores eram: azul claro, cor-de-rosa e branco. Aqui o Menino arregalava os olhos para o verde das matas, o azul dos oceanos, o castanho escuro das montanhas.

Ele desceu numa cidade grande, com aquele amontoado de edifícios altos no centro, os bairros elegantes e as casinhas pobres esparramadas ao redor. As luzes começavam a acender-se. Pareciam estrelinhas pregadas na terra! Jesus ficou assustadíssimo com a confusão do centro da cidade. No céu é tudo tranqüilo. Atordoado, ele olhava de um lado para o outro. Os carros passavam rapidamente, buzinando alto. Pas-

savam motos, bicicletas e um montão de gente, andando pra lá e para cá nas calçadas. As pessoas eram apressadas e tinham a cara muito séria. Ninguém ligava para ele. O Menino caminhou um pouquinho, meio sem rumo. A sacola pesava muito, por causa das estrelinhas. Viu à porta de uma grande loja um velho vestido de vermelho, calçando botas pretas, trazendo um cinturão preto, que lhe segurava a barriga. Suas barbas eram longas e brancas. Muitos meninos amontoavam-se à frente daquele velho engraçado. Jesus andou até a esquina. Decidiu aproximar-se de um menino que trazia às costas, preso numa pasta, um pacote de jornais e gritava: "Foooolha daaaa Taaaaarde!..." Jesus olhou curioso. "Que seria aquilo?" Nunca tinha visto coisa semelhante no céu. Lá era tudo muitíssimo diferente. O menino tinha roupas esburacadas, pés descalços, e o pacote parecia pesar muito.

— Que é isso, menino? perguntou Jesus.

O outro olhou espantado. Jesus tinha uma cara diferente. Era loiro, coradinho e vestia uma túnica azul com debruns dourados. "De certo é estrangeiro", pensou o pequeno vendedor de jornais.

— Isso o quê? perguntou por sua vez o vendedor.

— Isto. Jesus apontou o pacote de jornais.
— Jornal, ora! Está-se fazendo de bobo?

Jesus arregalou os olhos com a resposta malcriada do outro. Seu olhar era tão inocente que o jornaleiro se arrependeu.

— Para que serve?

— Ora, que pergunta! Para dar notícias!

— Que notícias? Tornou Jesus.

— Assalto, preço de gasolina, greve, guerra.

— Ih, não entendo nada disso!! Que palavras são essas?

Dessa vez quem arregalou os olhos foi o pequeno jornaleiro. "De onde terá vindo esse bicho raro?"

— E aquele ali de roupa vermelha? Voltou a perguntar Jesus.

— Puxa, você pergunta, hein! É o Papai Noel. Nem ele você conhece?

— Não, respondeu Jesus com inocência.

— De certo você mora na roça e nunca viu televisão ou veio de outro planeta num disco voador. O Papai Noel, aquele velhinho lá, dizem que na noite de natal ele traz um saco de presente às costas para dar aos meninos da terra. Mas ele nunca deu nenhum para mim, nem para meus irmãozinhos, nem para criança nenhuma de meu bairro.

Jesus, pensativo, perguntou:

— Posso ficar com você?

— Por quê? Você está sozinho?

— Estou. Meus pais moram longe, muito longe.

— Ficar você pode, mas em minha casa não tem lugar não. Moro num barraco de um cômodo só e tenho seis irmãos. Meu pai vai dar a bronca.

— É só essa noite. Amanhã quando o sol sair, eu vou embora.

— Comida lá em casa não tem. Bem que minha mãe queria dar presentes e fazer a ceia de natal, mas

o dinheiro não dá. Ganho um pouquinho vendendo jornais para ajudar. Não adianta nada. Acho que nem lanche, nem janta tem hoje em casa.

Jesus apalpou a sacola, lembrando-se do segundo milagre.

— Tenho umas coisas aqui dentro, disse.

— Tem comida? Perguntou o jornaleiro com vivacidade.

— Tem sim. Depois a gente come.

— Então vem me ajudar a vender os jornais. Depois vamos ao escritório devolver os que sobrarem. Daí a gente vai pra casa.

A seguir caminharam para o meio da multidão. O jornaleiro continuou gritando: "Fooolhaaaaa da taaaardeeee!" Jesus, com o ombro direito ardendo sob o peso da sacola, corria atrás, cheio de alegria. De repente houve uma estranha correria. As pessoas afastavam-se apavoradas, dando encontrões umas nas outras. Um homem com uma máscara preta no rosto apontou o revólver para uma senhora, tomou-lhe a bolsa e todas as jóias. Ninguém se mexeu para ajudá-la.

— Que é aquilo? perguntou Jesus admiradíssimo.

— Nossa Senhora! É um assalto!

— Um assalto?

— Puxa! Você veio mesmo da roça ou desceu num disco voador. Não sabe de nada mesmo. O assalto é assim: vem o ladrão, com uma arma na mão, faca ou revólver, escolhe uma pessoa, aponta a arma. A pessoa tem que entregar tudo, dinheiro, jóias ou até a roupa do corpo. Se não entregar, morre.

Menino Jesus ficou perplexo. Pensou: "Minha mãe tem razão. É preciso que o Pai deixe abrir a caixa de milagres para salvar o mundo".

— Vamos embora, amigo? Falou o jornaleiro. Como é mesmo seu nome?

— Pode chamar-me de Jesus. E o seu?

— Deco. Isso é apelido. Meu nome mesmo é Roberto.

Devolveram os jornais que sobraram. Jesus enfiou a mão na sacola para ver se os dois milagres estavam quietos lá no fundo. O ônibus que tomaram estava tão cheio de gente, que as pessoas quase saíam pelas portas e janelas. Esbarravam-se, pisavam nos pés umas das outras, xingavam, empurravam-se. Deco morava bem longe, pra lá do rio, numa ruazinha cheia de buracos, poeira e escuridão. Durante o trajeto para casa, foram conversando.

— Não levo dinheiro quase nenhum, Jesus, hoje vendi poucos jornais. Meu pai vai me bater. Ele bebe e quer que a gente faça milagre. É o que minha mãe vive dizendo.

— Milagre? Perguntou Jesus interessado.

— Milagre, respondeu Deco.

Jesus continuava a não entender as coisas do mundo. Como podia um pai bater num filho por causa de dinheiro? São José, seu pai, era tão bom, tão calmo! Nunca sequer puxou suas orelhas, por mais que ele pintasse o sete no céu. Ele ensinava tudo com muita suavidade. Passava pito com bondade. Jesus de novo apalpou a sacola, pensando no segundo milagre.

Em casa, o pai de Deco estava à porta um pouco bêbado, falando alto. A mãe, dentro do barraco, arrumava as coisas à fraca luz de uma lamparina. Um bando de meninos brincava de pique à porta da rua, numa algazarra danada. Jesus estava sem jeito, com a roupa tão arrumadinha, em meio a tanta pobreza. A sacola pesava em seus ombros.

— Vendeu muito jornal hoje, meu filho? Perguntou a mãe.

— Mais ou menos, o menino respondeu. Eu trouxe um amigo, que encontrei na rua.

— Um vagabundo, não é?

— Não, mãe, não é um vagabundo. É um menino muito legal. Está cansado, coitadinho. Veio de muito longe. Amanhã bem cedo ele vai embora.

— A comida não dá para mais um. Não dá direito nem para vocês!

Jesus apalpou a sacola. O segundo milagre! Está chegando a hora!

— Tá tocando o sino. Quem vai à missa? Gritou o pai de Deco.

— Missa de barriga vazia? De roupa rasgada? Falou a mãe. Venha comer esse angu. Dá para enganar a fome. A meninada entrou na cozinha aos trambolhões, cada qual com medo de que não lhe sobrasse nada. Uns empurravam os outros, reclamando, arreliando, chorando.

— Deco, chamou Jesus, espantado com aquela balbúrdia. Diga à sua mãe que eu tenho coisas de comer em minha sacola. Mande ficar todo mundo em ordem, como me ensinou minha mãe.

— Mãe, meu amigo tem um pouco de comida, disse Deco. Mande todo mundo ficar quieto, senão ele não vai repartir.

Jesus enfiou a mão na sacola, apanhou o segundo milagre. A pequena mesa feita de táboas de caixote, o fogão, a prateleira, todo canto vago encheu-se de coisas: travessas de macarronada, de tutu, de frango assado, de arroz-de-forno, de salada, de leitoa assada. Apareceu um engradado de guaraná. Os olhos estavam maravilhados e do tanto que se maravilharam, as pessoas tornaram-se educadas. Serviram-se em ordem, usando pratos descascados, latas de goiabada, tampas de panela. Comeram os de casa, comeram os vizinhos, comeram os da rua. E veio vindo gente, veio vindo gente, veio vindo gente. Todos na maior ordem, em fila, com respeito. Sabiam que era um milagre, mas estavam tão famintos, que se esqueceram de perguntar quem o fizera. Nem sequer sabiam que no meio deles estava um menino loiro chamado Jesus. Mais tarde, quando as crianças se cansaram de comer e beber guaraná, Jesus chamou-os e fez a entrega das estrelinhas. Cada estrela que entregava, transformava-se no presente que o menino mais desejava. "E apareça caminhão, apareça bicicleta e apareça boneca e apareça mobilinha e apareça carrinho que acende farol". Até que o Menino Jesus disse ao jornaleiro:

— Agora chega, Deco, vamos brincar.

Pediu à mãe de Deco que guardasse bem a sacola, agora leve. Havia dentro dela apenas o último milagre. Ela devia ser devolvida ao nascer do sol.

Estava todo mundo tão contente, que ninguém queria saber de dormir. Jesus brincou de pique, de

xerife, de índio, jogou futebol, bola de gude, ah! tanto brinquedo! Ele adorou! Achou que os brinquedos da terra são muito mais emocionantes que os do céu.

Quando as estrelas morriam no céu e a luz da madrugada ia chegando, Jesus, cansado de brincar, pediu sua sacola e olhou para o horizonte. O sol começava a aparecer. O menino teve vontade de ficar um pouco mais na terra. Queria dar brinquedos a muitos outros meninos pobres. Queria dar pão aos que não tinham o que comer, dar roupas aos que andavam tão esfarrapados, brincar com os que não podiam brincar. Contudo, o segundo milagre já estava esgotado. Pensando bem, ele devia voltar era com um milagre diferente. Um milagre que acontecesse no coração e na consciência dos homens poderosos. De nada adiantava distribuir brinquedos e comida para crianças que continuariam famintas a viver nas favelas e nos bairros tristes e miseráveis. Jesus ia falar com o Pai. Era preciso mudar o homem.

Por muitos e muitos anos o pessoal do bairro falou do grande milagre: da mesa de que quanto mais se tirava comida, mais comida aparecia; da caixa de guaraná que nunca se esvaziava, das estrelinhas que viravam brinquedos.

Jesus estava pesaroso, mas tinha que voltar para sua casa no céu. Ele apanhou o terceiro milagre, correu para o sol, embarcou no primeiro raio de sol que encontrou e voltou depressa pera o céu. Nossa Senhora, aflita, acompanhada de São José, esperava-o à porta do paraíso. Dessa vez, Jesus quase tomou um puxão de

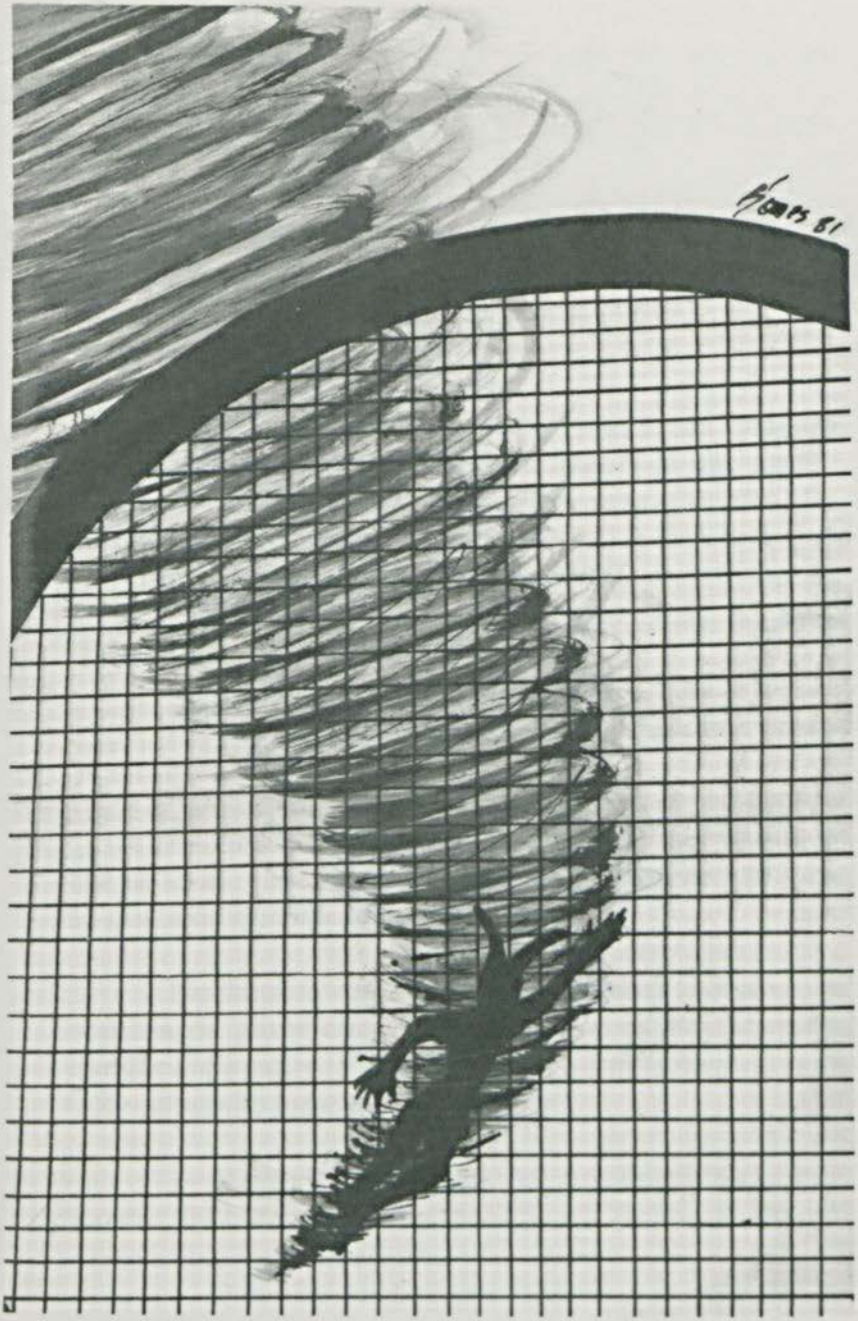
orelha, mas, como era dia de seu aniversário, foi perdoado. Anjos e santos receberam-no com festas e Deus Pai escondeu-se atrás de uma coluna para rir de mais essa peraltice do Menino Jesus.

PARTE II

Três outras estórias

UMA TARDE CHEIA DE PERIPÉCIAS

078669



Era tempo de férias. A meninada, na chácara, fazia uma algazarra tal, que Dona Izabel já não aguentava mais. Brincavam de pique pela casa a dentro, lindo casarão de dez quartos, quase todos comunicando uns com os outros. Subiam nos bancos, esbarravam nos móveis, derrubavam coisas. Ah! a paciência de Dona Izabel tinha limites!

De repente, lá vinha ela, "braba", com as mãos na cintura:

— Vá todo mundo para o terreiro. Já! Vão brincar lá fora. Vão para a sombra da gameleira. Menino só gosta do que não pode!

Marizinha tinha medo de brincar debaixo da sombra da gameleira. "Dizem que o capeta gosta de dançar aí de noite. E que lá de cima, nas noites de luar, o Romãozinho joga pedra na gente".

— Deixe de bobagem, Marizinha, falou o Bernardo. Que capeta coisa nenhuma! E Romãozinho?! Tudo isso é pura invenção.

— Que é invenção? gritou Sílvia.

— É coisa que existe só na cabeça. Coisa que não tem de verdade.

— É coisa do faz-de-conta?

— É isso mesmo.

Dona Izabel tornou a falar com energia:

— Parem de conversa comprida. Vão andando! Rápido!

Logo à saída, os meninos enxergaram lá ao longe, no rumo da estrada, um enorme redemoinho, que girava, girava, girava como um corrupio, levantando sempre mais poeira, papel velho, folha seca.

— Busquem uma peneira grossa! gritou Sílvia. Olhando por ela, a gente vê o capeta dançando no meio do redemoinho. Depressa, senão ele acaba!

— Cruz credo, Sílvia, que idéia! Se você quer ver o capeta, vá sozinha, disse Marizinha medrosa como quê!

— Eu quero, falou o Bernardo. Eu vou buscar a peneira.

Enquanto isso, o redemoinho ia dançando rápido para os lados do matinho.

Bernardo veio com a peneira e saiu correndo, na tentativa de se aproximar bem do redemoinho. Os meninos, uns com um pouco de medo, outros corajosos, foram correndo atrás dele. Nessa correria, nem repararam que a casa ia ficando cada vez mais distante. Bernardo pôs a peneira como um escudo diante do rosto, com Sílvia ao lado. Os outros meninos amontoaram-

se em volta d[illegible]es e empurra prá cá, empurra pra lá, o redemoinho s[illegible]iu pras bandas do mato.

— Alguém viu o capeta? Eu não vi, disse Bernardo.

— Nem eu! Nem eu! gritaram todos.

— Graças a Deus que eu não vi. E nem queria ver, disse Sílvia.

— Olhar na peneira, você olhou, não é?

— Só de curiosidade.

Puseram a peneira de lado. Assentaram no tronco de um ingazeiro que o vento derrubara. As raízes ainda estavam presas à terra. Mesmo tombada, a grande copa estava cheia de ingás e conservava as folhas verdes. Era o paraíso da meninada. Manuelzinho teve uma idéia:

— Vamos fazer pito de palha para espantar os mosquitos? Eu tenho palha e canivete.

— Deus me livre, disse Anita. Minha mãe me mata!

— Quem vai contar? falou Manuelzinho. Tem algum dedo duro por aqui?

— E fogo? alguém perguntou.

— Eu tenho fósforos, disse Bernardo.

— Cuidado com fogo, hein gente. Nesse tempo o pasto pega fogo à-toa, disse Sílvia que era a mais expedita de todos.

Entreteram-se picando palha, enrolando os pitos, tentando acender. Era uma dificuldade, pois o vento não deixava. Anita deu um berro, pois a pequena chama sapecou seu dedo, apagando em seguida. "Pra queimar dedo, esse diabo desse fósforo presta, mas para acender pito, nada", disse ela.

Já estava bem de tardezinha. O sol punha um colorido avermelhado na serra, tornando-a bonita e cheia de mistérios. De repente, os meninos escutaram um mexido violento na copa do ingazeiro. Cada criança olhou em volta para ver se faltava algum deles ou se algum engraçadinho estava querendo passar medo neles. Nisso ouviram um baque, como se alguém tivesse pulado no chão. Uma fava de ingá veio bater com toda força na orelha direita do Bernardo. Ele deu um pulo, pois para saltar era igualzinho a um cabrito.

— Quem me jogou isso?
— Eu não fui, defendeu-se Sílvia.
— Nem eu! Nem eu! gritaram quase em coro.

Ouviram, então, uma risadinha. Depois a peneira levantou-se do chão e começou a dançar. Os meninos agarraram uns nos outros apavorados.

— Você queria ver o capeta, é nisso que dá, falou Marizinha chorando.

Foi aí que viram um menino peludo, de lindo rosto, olhos verdes e orelhas de burro. Ele dançava e fazia piruetas agarrado na peneira. Depois jogou a peneira de lado, subiu na copa da árvore. Deu um grande assobio e jogou outra fava de ingá no rosto da Sílvia.

— Estão com medo? Estão com medo? Deu uma risada tão alta, que o eco ficou ressoando na mata próxima.

Os meninos estavam paralisados pelo medo.

— É.o Romãozinho, Virgem Maria, gritou Sílvia que, por fim, soltou a voz.

— Corre gente! gritou o Bernardo.

"Pernas, pra que te quero"! Parece que nem corriam, voavam.

Chegaram descabelados, alguns ainda mudos de susto, outros sem as sandálias e... sem a peneira. Dona Izabel esperava-os à porta. Por pouco não mandara o João Vaqueiro atrás deles. Já estava preocupada com a demora.

— Vocês são assim, ralhou Dona Izabel, ou ficam fazendo algazarra dentro de casa ou somem para o mato. Onde andaram?

Estavam tão pálidos, pondo a língua para fora, que nem conseguiram responder.

— Viram alma penada, meninos?

— Pior que isso, tia. Vimos o Romãozinho, falou o Bernardo.

— Ele ainda levou a sua peneira, mamãe, choramingou Marizinha.

— Venham, venham jantar. Tio Zeca caçou uma paca. Temos churrasco de paca, que é bom pra danar. Amanhã a gente acerta.

A boa tia Izabel abraçou um bolo de meninos assustados e os foi levando para dentro da velha casa, que recendia toda a um delicioso churrasco de paca.

VIAGEM COM MALUÁ

Zé Pequi, nos seus doze anos, era menino andejo e valente como ele só. Agora, na fazenda do pai, não estava achando muita graça nas férias. Os primos e amigos, Bernardo e André, não puderam vir, porque estavam morando muito longe. Nada de novo acontecia nessas longas férias. Zé cansava-se de andar a cavalo à toa, de ir atrás do vaqueiro no trato do gado e de outros serviços. "Todos os dias são iguais", pensava o menino aventureiro. "Eu quero que aconteça uma coisa diferente, bem diferente". Ele adorava contar mil vantagens aos colegas, quando retornava às aulas, após as férias. O pai recomendava sempre, ao vê-lo sair sozinho a passear: "Olhe, menino, cuidado, não chegue perto da mata. Ainda existe onça e lobo vagando por aí". Além disso, a mulher do vaqueiro tinha dito que ali dentro morava o João do Mato.

— Quem é esse João do Mato? perguntou o menino.

— Ele é assim, falou Dona Dica, a mulher do vaqueiro, os olhos brilham, que nem duas tochas no escuro do mato. Ele tem os cabelos compridos e barbas com fios grossos, que nem tufo de cipó. Ele é amigo de todos os bichos, sabe a língua deles e os seus segredos. De gente, eu acho que ele não é amigo não. Principalmente de gente medrosa. Diz que ele tem dependu-

rada no pescoço uma cabacinha bem lustrosa, de pescocinho comprido — é a cabacinha do tempo e do espaço. Lá na cabaça tem uma janelinha. Quando ele abre a janela, pode fazer o que quiser: manda o tempo andar pra frente, andar pra trás, leva as pessoas aonde desejem.

Desde que a mulher do vaqueiro lhe contou essas coisas, nunca mais saiu da cabeça de Zé Pequi a curiosidade de encontrar-se com João do Mato. Ele tinha medo e, ao mesmo tempo, fascínio. Ele fora especular de novo Dona Dica, a mulher do vaqueiro:

— Dona Dica, como é que a gente faz para encontrar o João do Mato?

— Cruz credo, menino, que conversa boba é essa? Pra que diabos você quer encontrar o João do Mato? — disse ela benzendo-se três vezes.

— Ah! não sei, talvez ele possa ser meu amigo.

— Menino doido, retrucou Dona Dica, não fale isso nem por brincadeira.

Entretanto, Zé Pequi não se afastava dos lados do mato. Era como se qualquer coisa o puxasse lá pra dentro, como cobra atraindo passarinho.

Um belo dia, ele se deparou com dois olhos o espreitando. Como brilhavam aqueles olhos! No começo, o menino ficou aterrado, deu-lhe vontade de sair correndo e gritando. Aí ele se lembrou do que disse Dona Dica: "João do Mato não gosta de gente medrosa". Zé Pequi prendeu o grito no peito e ficou quieto com os pés chumbados na terra. Então, ouviu uma voz mansa, que o acalmou: "Venha cá, menino, você não queria ser meu amigo? Venha, eu sei que você é valente"! A fala custou a sair, mas, por fim, Zé Pequi conseguiu dizer: "Eu quero, sim, senhor". "Sim, senhor, que nada, menino. Eu sou o João do Mato.

Só João. Você quer uma aventura hoje, não é isso? "Quero sim, João, como é que você sabe"? "Ah, isso é segredo. Só sei que sei". João abriu a janela da cabacinha do tempo e do espaço e disse umas palavras mágicas: "Raaci... Ruré... Raualó". O som de sua voz ficou ecoando no mato. Por fim, ele se voltou para o menino e disse: "Vá ao encontro de Maluá".

Zé Pequi encontrou Maluá, o índio, debruçado sobre uma mina d'água, no interior da mata, bebendo que dava gosto. O índio levantou-se ágil, e sua figura alta, de pele bronzeada, cabelos pretos e bem aparados, o porte elegante fez um contraste com Zé Pequi, aloirado e magricela.

— Quem é você, ueriri? perguntou o índio admirado, com seu português estropiado, de mistura com palavras de sua língua. Ueriri quer dizer "menino", em carajá.

— Meu nome é José Alves, mas sou conhecido entre meus amigos por Zé Pequi.

— O meu nome é Maluá, moro na aldeia do outro lado do rio.

— Eu já sei.

— O que você está fazendo por aqui sozinho? como chegou?

— Isso é segredo. Você pode me levar pra passear um pouco?

— Menino pensa que índio só vive passeando, vendo as belezas de seu mundo? Índio caça, índio pesca, índio faz casa, faz canoa...

Ah, Maluá, eu sei que você tem muito o que fazer. Só hoje! Leve-me a um lugar bem bonito, está bem?

— Tudo aqui é bonito, não é, ueriri? Mas existe um lugar especial, onde vou levá-lo. Antes a gente vai comer peixe assado que Maluá pescou. Está com fome, não é? Pois eu já estou morrendo. Depois prepare as pernas, a caminhada é longa.

Zé Pequi, alegrou-se. Agora compreendera a causa de seu mal estar: a fome! Maluá cavou um buraco na areia, fez umas brasas e assou o peixe com tripas e tudo, e sem sal. O menino comeu bastante e achou uma gostosura.

Beberam da água clara do rio e puseram-se a caminhar. O menino mal podia seguir o índio, tão depressa ele andava! Conhecedor de todas a trilhas do mato, de todos os ruídos, da voz dos animais, ia ele atento a qualquer som diferente, a qualquer movimento suspeito. De vez em quando, paravam para beber água ou comer alguma fruta silvestre que iam encontrando pelo caminho. "Mais devagar, Maluá", pedia Zé Pequi, com a língua de fora.

— Ô bicho lerdo, ria o índio. Tori é mole. Tori quer dizer "homem branco", na língua dele.

Andaram, andaram, andaram. Deviam atravessar toda aquela mata para chegar aos pés da Serra Misteriosa.

— Vamos parar um pouquinho. Tenho fome, falou Maluá.

— O que a gente vai comer agora? fruta? indagou o menino.

— Caço um bichinho por aí, respondeu o amigo.

Maluá saiu à espreita. O menino observava-o. De repente, o índio retesou o arco. Uma flexa certeira partiu. Houve um remexido forte numa moita próxima. Qualquer coisa pulava, enroscava-se, fazendo os ramos tombarem e as folhas estremecerem. Os dois esperavam atentos. Depois tudo ficou quieto.

— Agora vou buscar o bicho.

Era uma cobra enorme, gorda, parda, com umas manchas quase pretas. Zé Pequi teve um arrepio. Um medo momentâneo percorreu-lhe o corpo.

— Credo, que bichona! Como é que você sabia que ela estava lá? perguntou o menino curioso.

Maluá riu com seus dentes muito brancos, aquele sorriso bom que tomou conta de todo o rosto. Falou olhando pra frente e mostrando com o indicador o próprio olho e o próprio ouvido:

— Tori é surdo e cego. Tornou a rir. Índio conhece todos os barulhos do mato, escuta bem e distingue tudo, sabe separar um som do outro, sabe enxergar as coisas de longe, e conhece todos os rastros. Agora vamos assar a cobra.

— Você come isso, Maluá? Deus me livre de comer cobra!

— O menino vai comer e vai ver como é gostoso!

Maluá apanhou a cobra e carregou-a para uma clareira. Limpou bem o terreno. Fez uma fogueira com ramos e folhas secas. Enfiou a cobra num espeto e assou-a sobre as brasas.

— Empreste-me sua faquinha, disse ao menino. Cortou um pedaço, provou-a.

— Muito gostosa! Gostosa de verdade! Experimente um pedaço, Zé Pequi!

Um engulho levou o menino a tapar a boca, fazendo uma careta de nojo.

— Você não sabe o que está perdendo. Ainda vamos andar muito. Por aqui não tem peixe e nem vamos perder tempo apanhando frutas. Você é que sabe.

Zé Pequi resolveu aceitar um pedacinho para provar. Com a mão esquerda tapou o nariz e com a direita levou o pedaço à boca. O índio se retorcia de rir.

— Tem um gosto esquisito, parece peixe, parece nem sei o quê!... Me dá mais um pedaço.
— Tome desse aqui, bem quentinho.

Por fim, ambos comeram com muito apetite. Tomaram água e partiram com rapidez.

De vez em quando, o grito de uma ave, ou o urro de uma fera distante, assustava o menino. Mas ele se sentia protegido, porque Maluá estava perto. O medo sumia. Maluá é valente e forte. Não tem medo de cobras, nem de onça. Conhece qualquer barulhinho da mata e é esperto e rápido como um coelho. Quando necessário, sabe correr como um cervo.

— Por que a gente não veio de canoa? lembrou o menino.
— O rio nesse trecho é muito perigoso, tem pedras e corredeiras.

— E andando pelas margens do rio?

— O sol está quente e a areia queima os pés; e cansa muito, explicou o índio. Além disso, cortando a mata, nós atalhamos bastante. Agora não falta muito.

Aproximaram-se, por fim, do pé da montanha. Era a serra misteriosa e sagrada para Maluá e sua gente. O espetáculo ia-se descortinando por uma estreita garganta, libertando-se aos borborões com um ruído quase musical. Depois as águas despencavam-se nas pedras como rendas vivas. O sol, caindo ali àquela hora, formava um arco-íris.

— Uadi! gritou o índio apontando, com o rosto feliz. Era "arco-íris", na língua dele.

— Olhe bem, olhe bem, ueriri, foi pra isso que eu trouxe você aqui.

— Bonito! falou Zé Pequi, que era um garoto sensível. De repente, o menino gritou:

— Olhe ali, olhe ali, apontou, insistindo, que tamanho de ave com as asas abertas!

— É um jaburu tomando sol. Fique quieto pra não assustá-lo. Suba nesta pedra. Devagar. Pode vir até bem perto pé da serra. Cuidado! Essas pedras escorregam muito. Agora espie bem aquela rocha.

— Vejo desenhos! gritou Zé Pequi entusiasmado, quase assustando o Jaburu, que ficara lá embaixo. Sua voz ecoava por entre os rochedos, parecendo que seres invisíveis o respondiam.

— São desenhos, sim, respondeu mansamente o índio.

— Quem fez? o que são? Me explique. O menino falava aos atropelos.

— Você entende o que está vendo? Espie bem.

— Ah, eu aprendi na aula de geometria. São

círculos rodeados de raios. Parece que são o desenho do sol.

— É isso mesmo. São quatro, não são?

— Sim, são quatro.

— Aquele ali, mostra onde o sol nasce, o outro, onde o sol vai dormir; o outro indica o caminho do norte, o outro, o caminho do sul.

— E aquilo ali?

— Ah! ali é um crocodilo com duas barrigas; há ainda arcos e flechas.

Zé Pequi ficou olhando atentamente os desenhos, depois perguntou:

— Quem fez aqueles desenhos?

— Escute o que vou te contar: há muitos e muitos sóis, habitava esse lugar uma raça de índios, os tupis, que vieram antes dos carajás. Foi no tempo em que Cananxiué, o deus bom, morava na terra. Os tupis gravaram desenhos nas pedras, desenhos de sabedoria. Quando Cananxiué morava na terrra, havia paz, muita paz. Não faltava nem caça na mata, nem peixes no rio, nem frutos na terra. Terra dos índios era muita, além do horizonte, pra lá do sol poente. Índio era alegre, dançava e cantava, comia e bebia, feliz com seu deus.

— Cananxiué foi embora, Maluá?

— Cananciué foi embora. Veio guerra de índios. Veio tori que tomou terra de índio. Índio matou tori, tori matou índio.

— Maluá sentado na pedra calou-se de repente. Olhava longe, olhava triste.

— Zé Pequi sentiu uma pancadinha lá dentro do coração.

— Ah! Maluá, esse lugar é bonito, mas essa história é triste. Prefiro comer cobra assada.

O índio riu.

— Nossa Senhora, João do Mato está me chamando. Ele abriu a janelinha do tempo e do espaço.

As palavras mágicas de João do Mato ecoaram pelos espaços: "Raaci... Ruré...Raualó..."

—É hora de você partir, falou o índio.

— Sim, eu tenho de voltar. Você me dá uma flecha de presente? Eu lhe dou essa faquinha.

O índio entregou-lhe a flecha e recebeu o presente do menino.

— Outro dia eu volto e a gente vai passear mais. Muito obrigado, Maluá. Não esquecerei a sua história.

Desceram da rocha. O índio pôs-se a caminho de volta para sua aldeia, acenando-lhe de longe.

Zé Pequi viajou nas asas do tempo e do espaço.E chegou de novo ao seu mundo de todos os dias.

078669

VIDA E MORTE DE UMA VACA MALHADA CHAMADA ROLINHA

Era de tardezinha, uma tarde fresca de abril. O céu enfeitava-se de manchas cor de rosa e dourado. No matinho, ao pé do morro, a noite já começara a soltar suas sombras. A vaca Baia deu um berro doloroso, que ecoou mato a dentro. Depois, um berrinho tremido, de cria nova, entrou tímido no espaço. Uma linda bezerrinha nasceu! "Veja! Parece um bibelô! Branca, com manchas castanhas". "Olhe, aquela pinta na testa é igualzinha a um coração!" "É mesmo! Olhe, ela nasceu de botinhas marrons. Com as patas castanhas, não parece mesmo estar de botas?" Cada criança, entusiasmada, fazia um comentário. De repente, emocionados, prenderam a respiração. A bezerrinha balançou a cabeça, pôs para frente as duas patas dianteiras, tentando levantar-se. Após algum esforço, conseguiu-o. Saiu andando, cambaleante e débil, olhando assustada o mundo em torno. A meninada batia palmas e pulava de alegria. "Cuidado, falou o Sr. Henrique, não façam barulho. Todo animal, quando dá cria, fica zangado. Vaca Baia é mansa, mas quando parida, é perigosa". A vaca mãe levantou-se, sacudiu a cabeça zangada, bateu o casco no chão como se quisesse furá-lo, em sinal de desagrado. Os meninos ficaram assustados. Afastaram-se um pouco, agora quietos. Vaca Baia aproximou-se da filha e pôs-se a lambê-la com carinho.

"Vamos ensiná-la a mamar", falou o Sr. Henrique. Ele chegou a boca da bezerrinha no úbere da mãe. Num instante, ela sugou gulosa o peito materno, que estava enorme de tanto leite. Vaca Baia era boa leiteira. "Vamos dar um nome à bezerrinha", sugeriu o Sr. Henrique. "Um nome bem bonito. Ela merece, porque é linda". Pensaram, deram palpites. Finalmente Sílvia gritou: "Rolinha", não é um nome engraçadinho, carinhoso?" O nome foi aceito pela maioria e de Rolinha ela ficou batizada.

* * *

Os dias foram correndo, como as águas do riacho do Matinho, que nunca param. Os bichos vão crescendo, os meninos vão crescendo. Vêm as flores, vem o vento, vêm os frutos, vem a chuva. Apagam-se as estrelas. Nasce o sol. Dorme o sol, as sombras voltam! As estrelas tornam a acender. Assim Rolinha mamou, cresceu, desmamou. Tornou-se uma bezerra roliça, de pelos macios, que nem veludo. Com o crescimento, apareceu uma novidade. Os pelos em volta dos olhos tornaram-se de um castanho bem escuro, parecendo que ela pintava os olhos. "Que vaidosa", dizia Sílvia, "toda madrugada ela vai à lagoa, olha no espelho das águas, pinta os olhos, lustra os pelos, enverniza os chifres e volta toda dengosa. Sabem o que ela quer? Arranjar um namorado!"

Nos passeios pelos campos, ela andava atrás das crianças. Uma vez, por força, ela queria passar a porteira e entrar na fazenda do vizinho. Foi a custo fazê-la ficar. Ela, emburradinha, encostou-se na cerca, até o retorno dos amigos. Às voltas com os meninos, ela corria, dava pinotes, avançava contra o Veludo,

tentando chifrá-lo com seus chifrinhos mixurucos, que mal estavam despontando. Era implicadíssima com o Veludo, talvez por ciúme. Ela queria ser a dona exclusiva das atenções de todos. Vaidosa e egoísta!

Rolinha tanto se enfeitou e desfilou, que acabou conquistando o coração do Barão. O Barão era um tourinho cupinzudo, fumaça, que morava no pasto vizinho. Barão ficava olhando-a com olhos compridos, andando pra lá e pra cá ao longo da cerca de arame. Certa vez, um primo do Barão, um tourinho feio e intrometido, achou de ficar olhando para a Rolinha. Foi a conta. Barão, enfurecido, meteu-lhe os chifres nas costelas. Os dois ferraram a maior briga. Chegaram a arrebentar um fio da cerca de arame. O Sr. Henrique veio correndo, apartou-os e mandou o primo para um pasto bem longe. Rolinha tornou-se ainda mais faceira.

* * *

Uma noite, o gado dormia tranqüilamente à beira da estrada. Era tarde e tudo descansava dentro do silêncio. Só se ouvia, de vez em quando, o grito agourento da acauã, o uivo comprido de um cachorro ou o estalar de uma porteira batida pelo vento. Então um som diferente perturbou a paz da noite. Estranho! Parecia o ronco de um motor. Os cachorros latiram enfurecidos. O ruído cresceu, depois cessou. Ouviu-se, em seguida, o vago rumor de um tropel. Os cachorros insistiram, latindo. Tião, que dormia na casinha do paiol, abriu a janela. A noite parecia um breu. Ele viu uma luz esquisita clareando a serra. "Deve ser a Mãe do Ouro". Ela sai que nem uma bola, faiscando na noite. Eu não quero nem saber de Mãe do Ouro. Tenho é medo!" Ele fez o sinal da cruz. Fechou a janela

depressa. Ouviu-se novamente o ronco, que foi morrendo aos poucos. Os cachorros calaram-se. A noite seguiu silenciosa até a cantiga dos galos. O jaó piou na madrugada. Os passarinhos cantaram alegres nas mangueiras. Os bezerros puseram-se a berrar com fome. Tião levantou-se e foi para o pasto ajuntar o gado para a ordenha. Seus gritos ecoavam pelo mato: "êi...êi... êi...ô...ô...vacô!..." O gado veio vindo sonolento e preguiçoso para o curral. O gado solteiro, os bezerros desmamados e os cavalos costumavam beirar o curral à hora da tiração do leite. Rolinha era uma das primeiras a chegar. Os meninos e o Veludo ficavam bolindo com ela, até que o Tião se dispusesse a encher-lhes o copo com o leite quente e saboroso. Zequinha, o filho do Tião, esperto que nem pulga, de vez em quando se encarapitava no lombo da Rolinha. Ela não achava graça na brincadeira. Ficava era com a cara furiosa, dando pinotes até derrubá-lo. "Ora, já se viu! montar no lombo de uma novilha tão bonita como eu!... que falta de respeito!" Um dia, ela tanto deu pinote, que o Zequinha foi de ponta na cabeça do cocho e... perdeu a metade de um dente. O Tião veio furioso com um sedenho na mão, ameaçando-o: "se você estivesse me ajudando a amarrar os bezerros, não teria acontecido isso, seu vagabundo! Vai pra dentro. Fale pra sua mãe te dar uma salmoura para bochechar!" O menino saiu correndo para casa e os outros ficaram bem caladinhos, com medo de que o sedenho sobrasse pra eles também.

Naquela manhã, Rolinha não veio. Com uma rápida olhada, Tião deu falta de outras vacas e novilhas. Aquilo estava muito estranho. Contudo, era preciso tirar o leite depressa. O leiteiro passava às sete horas. Tudo devia estar pronto, senão o Sr. Henrique

078669

dava a bronca. Parte do leite era vendido para a companhia de laticínios da cidade e parte ficava para o consumo da fazenda para a fabricação caseira de queijos. Tião, preocupado, tratou de terminar a tiração do leite. Quando todo o leite estava colocado nos latões e pronto para o embarque no caminhão, Tião foi falar com o Sr. Henrique. "Patrão, eu ouvi um barulho estranho essa noite. O Sr. ouviu também?" Sem esperar a resposta, continuou: "A Rolinha não apareceu no curral. Eu notei falta de outras novilhas e vacas". O Sr. Henrique afirmou ter ouvido o barulho, mas como a estrada federal não é tão longe e, às vezes, o som caminha léguas, ele achou que era carro na estrada.

Arriaram dois cavalos e foram até a porteira da saída da fazenda. Viram rastro fresquinho de caminhão na estrada. A porteira estava escancarada. "Você tem razão, Tião, roubaram a Rolinha e mais algumas reses. Vamos ver quais as que estão faltando. Em seguida, tomarei providências".

Ao saberem do desaparecimento da Rolinha, os meninos ficaram muito tristes. Sílvia, já uma mocinha, só não chorou porque era bem crescidinha. "Será que conseguiremos encontrar a Rolinha, pai?" perguntou ela sem esconder a sua tristeza. Ela era a mais apegada às criações. Queria-as como se fossem gente, conversava com elas e estava sempre informada a respeito de tudo o que se passava na fazenda. Brigava quando judiavam com o Bainho, obrigando-o a trabalhar na carroça o dia inteiro. Não aceitava que se vendessem certas vacas. Quando perguntavam o que queria ser quando crescesse, ela dizia: "quero ser doutora dos bichos!"

O pai respondeu, depois de uns instantes de silêncio, com firmeza: "Vamos encontrá-la, se Deus quiser, muito em breve, minha filha".

O Sr. Henrique já tinha ouvido dizer que uma quadrilha integrada por ladrões e ciganos andava roubando gado por aquelas bandas. Tinha quase a certeza de que era a mesma quadrilha que levara seu gado. Há coisa de uma semana atrás, um cigano de dentes de ouro tinha vindo ali para comprar cavalos. Andou rondando e fazendo muitas perguntas. O Tião, que era um homem bom e simples, respondeu a tudo. Não reinava que o cigano estava era querendo se informar para planejar o roubo com outros companheiros. Naquela manhã mesmo, o fazendeiro foi à cidade e comunicou o fato à polícia. Pediram-lhe que voltasse no final da semana para saber se haviam descoberto alguma coisa. De vez em quando, recebiam alguma notícia vaga. Alguém viu um caminhão parado à porta do Bar "Porta Aberta", na estrada de Itumbiara. "Havia sim, uma vaca moura ou manchada de castanho. Sim, parece que tinha uns dois tourinhos pretos. O homem que dirigia era barbudo e usava chapéu panamá. Tinha mais dois na cabine do caminhão, um deles tinha dentes de ouro. Só desceu o barbudo. Tomou um gole de pinga, uma xícara de café. Não conversou com ninguém e foi embora". Essa e outras conversas semelhantes é o que se ouvia.

Quinze dias se passaram. Vinte dias. Um mês. Dona Júlia, a mãe, era devota de Santo Antônio. Tinha uma fé muito grande no santo milagroso que faz os animais e coisas perdidas aparecerem. Diariamente,

ela acendia uma vela para o Santo e convidava os meninos para rezarem a novena. Era uma novena atrás da outra.

Agora, ninguém queria saber de passear pelos campos. Até o Veludo latia triste. Todos estavam na expectativa. Só se falava na volta da Rolinha. D. Júlia tinha muita fé em Santo Antônio: "O meu santo vai trazer a Rolinha de volta e não vai demorar muito", dizia ela.

Finalmente, decorrido um mês, o Sr. Henrique voltou da cidade mais animado. Haviam apreendido um gado roubado na fronteira de Goiás com Minas Gerais. Pelas características, o gado parecia ser o seu. O Sr. Henrique viajou acompanhado do Tião. Três longos dias se arrastaram. Nem notícia. Numa tarde clara e bonita, quando os meninos brincavam debaixo da gameleira, eis que a cachorrada se põe a latir com fúria. Uma poeira se levanta na estrada e um ronco de caminhão invade o espaço. Era um caminhão de gado. Os meninos correram ansiosos para abrir a porteira do curral. Por fim, entra o caminhão. "Lá está ela! Rolinha voltou! Rolinha está aqui! Desce, Rolinha, desce, queremos te ver!" Ela estava magra e tristonha. Sílvia passou as mãos por seus pêlos arrepiados e vermelhos de poeira. "Coitadinha, quase te perdemos! Como é que foram fazer uma maldade dessa com você!"

* * *

Em pouco tempo, Rolinha readquiriu seu viço, tornando-se de novo lustrosa e bonita. Engordou, os

chifres cresceram. Acabou casando-se com o Barão. Teve o primeiro filho, o Barãozinho, que se parecia com a mãe, com aquele coração na testa e as botas nas quatro patas. Os dias corriam tranqüilos, a vida passava monótona, sem qualquer acontecimento especial. Certa manhã, após separar-se de Barãozinho, Rolinha foi pastar no lugar de sempre. Acho que um capetinha soprou no ouvido da Rolinha, dizendo-lhe: "Olhe do outro lado da cerca!" Só pode ter sido um capetinha. Ela olhou. Viu uma moita de erva viçosa. Deu-lhe uma vontade doida de comer daquela erva. Não lhe bastava o bonito capim jaraguá que a rodeava, que gulosa! A porteira de varas, por um descuido do Tião, estava com a primeira vara descida. Rolinha deu um salto e num instante achava-se do outro lado. Lembrava-se bem das recomendações da vaca Baia, sua mãe: "Não coma da erva, ela é gostosa, mas é venenosa. Os pastos aqui são sempre bonitos. Além disso, no período da seca, temos a gostosa ração de cana moída. Não nos falta o sal. Não coma da erva, mesmo se você estiver com fome". Rolinha não estava com fome. Fartara-se com o capim fresco e macio. Acabara de praticar uma feiura, que nunca fizera nem no tempo de bezerra: pular uma cerca. O capetinha estava mesmo por perto, insuflando-a: "Coma, sua boba, é tão gostosa!" Rolinha hesitava: "Como ou não como? Só uma folhinha. Hum! Que gostosa! Um pouquinho não faz mal. Vai ver que a vaca Baia nunca provou. Só diz que faz mal. Quem sabe se não faz?" Assim, de folha em folha, de ramo em ramo, ela se empanturrou da erva. Quando conseguiu sair de perto da moita, achava-se pesadona, como se outro Barãozinho estivesse em sua barriga. Andava devagar, com as pernas meio abertas. Ao pular a porteira, levou uma focinhada. Levantou-se com as pernas trôpegas e o focinho sangrando, pois batera nu-

ma pedra. Deu-lhe uma sede danada. Caminhou devagar para a beira do córrego. Bebeu um pouco de água. Sua vista começou a escurecer. "Não é de noite, que coisa estranha!" pensou ela. Deitou-se à sombra. Esforçou-se um pouco para manter a cabeça levantada. Dentro em pouco, a cabeça tombou. Ela sentia a barriga enorme como um balão. Um pica-pau batia o bico num pé de angico seco, fazendo toc-toc-toc... Naquele dia, os meninos ficaram entretidos com seus brinquedos. À tarde passearam e nem deram fé que Rolinha não viera deitar-se à sombra do ingazeiro próximo do curral, como fazia sempre.

De novo o Tião ajuntou o gado na madrugada. Rolinha bem que escutou o chamado no Matinho: "Ei...êi...êi...ô...ô...ô...vacôooo.." Mas não conseguiu levantar-se. Dessa vez o Tião não tiraria o leite sem saber o paradeiro da Rolinha. Mandou o Zequinha, seu filho, ir ordenhando as vacas mais mansas, até que ele voltasse do campo. Não foi difícil encontrar a Rolinha. Lá estava ela, estatelada à beira do córrego, feito uma bola, com os olhos vidrados. "Ela comeu a erva, a sem vergonha. Mas eu consigo salvá-la!" Ele voltou de galope. Acordou o Sr. Henrique para que ele fosse buscar um remédio urgente na cidade. Trouxeram o remédio e uma injeção. O Sr. Henrique aplicou-a, cuidadosamente. Ergueram a cabeça da vaca e deram-lhe uma dose do medicamento. Ela engoliu com esforço. Deu um berro triste, como um gemido. "Agora é esperar", falou o Sr. Henrique.

Rolinha foi salva. Quando ela voltou ao curral, caminhando lentamente com as pernas moles e a barriga murcha, Sílvia acariciou sua testa, puxou-lhe as

orelhas, dizendo: "Sua vaca sem juízo! Já tem um filho e não cria jeito!"

Por muito tempo, ela ficou feia, arrepiada e pelancuda.

* * *

Além do Barãozinho, Rolinha teve muitos filhos. Alguns eram da cor dela, malhados, outros acinzentados como o pai. Teve bezerros, bezerras. Dentre eles, nasceu Garrote. Garrote era um bezerro fumaça, quase sem cupim, orelhas pequenas e coxo. Um bezerro feio, chocho. Fazia triste figura no meio do gado. Para ser vendido, não dava dinheiro por não ter boas qualidades físicas. Para reprodutor não servia por não ser de boa raça. Para boi de carro, também não, porque era pequeno e manco. Já completara três anos. Rolinha tinha um carinho especial por aquele filho feioso, Parece que temia pelo seu futuro. Uma tarde, ela o viu preso no curral, o seu Garrote, de olhos tão doces, tão feinho que nem tinha nome. Era Garrote simplesmente. A mãe olhava-o de longe, com aquela ternura de mãe. Seu coração estava aflito, não sabia bem porque. Garrote preso, sozinho, duas horas da tarde? Não estava doente, não ia ser vacinado, não fora convidado para comer sal. O Tião passava pra lá e pra cá com umas providências que ela nunca o vira tomar. Garrote, que era tão mansinho, foi preso à cerca com um laço. Lá vem o Sr. Henrique com um objeto estranho na mão. Colocou-o na mira. De repente, um estampido, como daquelas bombinhas que soltavam na fazenda à época de São João, espantando o gado e a cachorrada, fazendo galinha cacarejar fora de hora no poleiro. Aquela coisa atingiu Garrote bem no meio da testa. Ele deu um berro

triste, sem compreender porque lhe faziam aquilo. Seu olhar inocente voltou-se pela última vez para o Sr. Henrique. Seu sangue vermelho começou a escorrer pelo focinho e pela boca, misturando-se à terra preta. Ele cambaleou e caiu num baque. Rolinha, que a tudo assistira, do lado de fora da cerca, pôs-se a berrar e a gemer, um gemido dolorido. Deitaram o corpo do Garrote sobre um monte de folhas de bananeira, tiraram-lhe o couro, esquartejaram-no e foram carregando seus pedaços para a despensa. Sílvia havia se escondido no quarto, chorando para não assistir à morte do Garrote. O pai chamou-a e explicou-lhe que Garrote tivera um fim muito nobre e bonito, pois cada pedaço de carne se transformaria numa parcela de vida para os membros da família e os trabalhadores da fazenda. A carne, devido às suas qualidades nutritivas, pois é rica em proteínas, é necessária à saúde, à própria sobrevivência humana. Não há também animais carnívoros? O leão, o lobo, a onça não se alimentam de carne? É a própria lei da natureza. O sacrifício de Garrote transformara-se num benefício para todos — Sílvia parou de soluçar. Mas, à hora do jantar, não provou do delicioso churrasco da tenra carne do tourinho, que transformara em festa o jantar daquele dia. Do couro do Garrote, fizeram laços, chicotes, cabrestos e alpercatas. Sua cabeça foi fincada num poste, no canto do curral, para dar sorte e espantar a Dona Peste! A lembrança do Garrote ficou espalhada pela fazenda. Rolinha, por muitos dias, mugiu triste no pasto. Até que a vida seguisse.

Duas filhas bezerras e o Barãozinho permaneceram na fazenda. Os bezerros e mais duas bezerras foram vendidos. Rolinha novamente sentiu doer seu cora-

ção de mãe. Viu os filhos caminhando fogosos pela estrada poeirenta, tangidos pelo vaqueiro. Acompanhou-os até a porteira da divisa. O vaqueiro fez menção de espantá-la para que não ultrapassasse a porteira, mas não era necessário. Ela compreendia que devia ficar. Tinha certeza que nunca mais poria os olhos nos filhos. Qual seria o destino deles? Ela não sabia, nem nunca saberia.

Os filhos de Rolinha que permaneceram na fazenda também tiveram seus filhos, uns mourinhos, outros castanhos, outros baios, Rolinha, agora vovó, bem gorda e cansada, andando com passos pachorrentos, vivia amadrinhada com os filhos e netos. O velho Barão fora vendido há muito tempo para corte.

Os dias continuaram correndo como as águas do riacho do Matinho. Os meninos cresceram. Vieram outros meninos. Sílvia casou-se. Também teve uma filha, a Silvinha. Esperta e inteligente como a mãe, vivia correndo atrás do vovô Henrique, fazendo-lhe mil perguntas.

* * *

Numa manhã, Rolinha não apareceu no curral. Embora vovozinha, vinha toda madrugada, acompanhando os netos bezerrinhos, as filhas, boas leiteiras como a mãe. Onde andava Rolinha naquele começo de dia? Ela estava velhinha, preguiçosa, lerda, mas ainda era madrugadeira. O pessoal queria um bem danado a ela. Quando não aparecia, a preocupação era geral. O Zequinha foi procurá-la e havia de procurá-la com amor, pois crescera aprendendo a amá-la. Zequinha agora era um rapagão forte e simpático, amansador de

cavalo brabo. Aprendera a montar em animal, encarapitando-se em cima de Rolinha. Lembram-se? Rolinha sempre tivera os locais preferidos de pastar e descansar. Perto do riacho do Matinho, debaixo do pé de Jatobá, era esse o seu lugar predileto. Lá havia também uma grota, a grota do Tamanduá. Dentro dela corria um filete de água geladinha. Ela gostava de se embarafustar na grota. Rolinha era sabida. Procurava água bem fria nas tardes quentes. Um dia, ela atolara dentro da grota. Conseguira safar-se porque, à época, era jovem e forte. Ali Zequinha procurou-a. Nada. Campeou pelo pasto da serra. Nada. Passava do meio dia. Ia voltar para casa, almoçar, depois prosseguir no campeio. Na roça o almoço é cedo. Lá pelas dez horas, dez e meia, quando muito. Zequinha estava morto de fome.

Ao recomeçar o campeio, o moço vaqueiro lembrou-se do brejo, além do Matinho. Esquecera-se de passar antes por lá. Era um lugar sujo e perigoso, verdadeiro ninho de cascavéis. Mal avistou o brejo, Zequinha viu um círculo de urubus esvoaçando pelo céu. As feias aves crocitavam barulhentas, preparando-se para um farto banquete. O coração do moço pulou forte no peito. Deu-lhe uma raiva danada de ver aqueles urubus agourentos fazendo festa em cima da morte das criações. "Ela está lá, sem dúvida!", pensou ele. Deu uns gritos; balançou o chapéu na tentativa inútil de espantar aqueles urubus horrorosos. Tocou o cavalo no meio da macega, com cuidado, temendo que ele se atolasse. Pôs-se a limpar o caminho com um facão. "Lá está o corpo dela, coitadinha!"; disse ele para si mesmo. "Como é que foi morrer num local tão feio! Por que não morreu à sombra do jatobazeiro, debaixo da cantiga dos passarinhos?" Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Ninguém se tomara mais de amor por Rolinha do que ele. Só faltava falar, a danadinha. Falar língua de gente, porque os seus berros, ele os entendia. Que morte mais feia! Rolinha estava com os olhos abertos, a língua tombada num canto da boca semi-aberta. A barriga estava enorme e o focinho sangrava. Moscas, mosquitos e formigas passeavam pelo corpo dela. Sem dúvida, foi cascavel. "Cobra maldita! Cobra assassina! Tinha vontade de achá-la e picá-la miudinha com um facão. Coitada da Rolinha! Era preciso acabar assim?"

A tarde vinha morrendo vagarosa. A acauã piou triste. O grito de um bando de guaribas reboou no mato. Zequinha tocou o cavalo depressa para casa. Era preciso levar a notícia ao patrão. Os meninos brincavam no curral, numa alegre algazarra. O Sr. Henrique, agora de cabeça branquinha, olhava paciente e bondoso a zoeira da meninada. Os cachorros puseram-se a latir. Zequinha entrou no curral. Os meninos pararam a brincadeira. Por seu semblante, não se podia esperar uma boa notícia. "Achou a Rolinha?", perguntou ansioso o patrão. Zequinha respondeu devagar, espantando com o cabo do chicote as mutucas que ferraram a cabeça do cavalo. "Achei, sim senhor". "Diga logo como está ela?", tornou o patrão impaciente. "Morta, patrão". Os meninos levaram um choque. "Estava atolada no brejo?" "Não senhor, acho que foi cobra cascavel". O Sr. Henrique abaixou a cabeça sem dizer nada. No fundo de seu coração, pensou: "Não sei porque a gente fica querendo tanto bem a certas criações. Só para sofrer!" Silvinha pôs-se a chorar, dizendo: "Cobra mordeu a Rolinha, coitada! Ela morreu!" O avô suspendeu-a nos braços, assentou-se de novo na cabeça do cocho. "Não chore, filhinha!".

— Vovô, por que a Rolinha morreu?

— Todos os seres vivos morrem um dia, filhinha.

— Você vai morrer também, vovô?

— Sim, filhinha, é a lei da vida.

— Que é a lei da vida?

— Deus criou todas as coisas, os animais e os homens. Os animais e os homens, que são seres vivos, nascem, crescem, tornam-se adultos, envelhecem e morrem. Ou podem morrer cedo, se é esta a vontade de Deus.

— Você vai morrer, vovô?

— Sim, minha filha, todos nós.

— Eu não quero que você morra, vovô. Silvinha abraçou-o com força.

— Quando eu morrer, Silvinha, eu vou morar lá perto das estrelas. De lá, eu ficarei vendo você. Serei uma estrela e ficarei piscando para você. Até que um dia você vá morar comigo. Aí é para sempre.

— Que é isso, "para sempre"?

— Para nunca mais acabar.

— Ah, que bom, assim é que eu gosto! Vai demorar?

— Só Deus é que sabe.

Na manhã seguinte, obedecendo a uma ordem do patrão, Zequinha atrelou uma junta de bois, tirou o corpo da Rolinha do brejo, levou-o para um descampado. Cobriram-no de palha de milho, jogaram querosene e atearam fogo. As labaredas foram consumindo o corpo de Rolinha até transformá-lo num montão de cinzas, que o vento esparramou pelo pasto.

Os meninos quiseram ver as cinzas da Rolinha. O corpo dela, o Sr. Henrique não os deixou ver, para que não ficassem impressionados.

Silvinha estava pegada à mão do avô. Então, vendo o vento esparramar as cinzas, ela disse: "Vovô, quando você for morar lá junto das estrelas, você vai encontrar a Rolinha, bem nova, bem bonita, passeando num pasto de nuvens, não vai? Aí será para sempre, para nunca mais acabar, não é vovô?"

— Sim, minha filha, aí será para sempre, para nunca mais acabar.

★ ★ ★

Composto e impresso nas oficinas da UNIGRAF
Av. 24 de Outubro, 1.240 – Campinas
Goiânia – Goiás

ex.2

B. C

UFGo. Este livro deve ser devolv

Machado, Marietta Tell

O burrinho do presepio

G82-93/MAC/bur

DATA DA DEVOLUÇÃO | ASSINATURA DO

27/09/16

IMPRENSA DA UFG

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DA EDITORA DA UFG (Literatura)

– A poesia em Goiás (Estudo/ Antologia)
Gilberto Mendonça Teles

– Meu vintém de cobre: meias confissões de Aninha (poemas)
Cora Coralina

– O congresso das bruxas - 2ª ed. (contos infantis)
Marietta Telles Machado

– Joana e os três pecados (contos)
Maria Helena Chein

MEC
SESu
PROEDI

Nesta obra, pode-se observar a evolução da autora, desde "O CONGRESSO DAS BRUXAS". Marietta mostra-se madura para escrever contos infantis e deve estar em seu melhor momento. Exibe a força de sua capacidade de criar, o vigor de sua imaginação de escritora, a segurança da arte de escrever, a facilidade de expressão das idéias que lhe povoam a mente fértil. É o que se sente com a leitura de "O BURRINHO DO PRESÉPIO". Sem preocupação de sofisticar a elaboração de suas estórias ou de trabalhar em temas complicados, os contos resultaram muito puros, límpidos, gostosos de ler, satisfazendo plenamente a quem o fizer, crianças ou adultos... Eles têm significado para o público infantil, mostram a alegria da ventura de viver, a felicidade encontrada nas coisas simples, mobilizando a criança em relação a desejos seus, aspirações e ansiedades. Trata-se realmente de um livro que dá gosto ler".

Ambrozina Amália Coragem Saad